



Realização:

SECRETARIA MUNICIPAL DE
PLANEJAMENTO URBANO



Apoio:



Conselho
Municipal
da Pessoa
com Deficiência
de Uberlândia





APRESENTAÇÃO

Acessibilidade é tema atual e importante no Brasil e em especial para a administração municipal de Uberlândia. Hoje o Município pode se orgulhar de estar entre as cidades de médio porte no país com o maior índice de acessibilidade, em áreas tais como: escolas, transporte acessível por ônibus ou vans, unidades de atendimento integral - UAIS, e o corredor de transportes da João Naves.

Neste sentido, e percebendo as principais dificuldades enfrentadas pelos profissionais quanto às normas e leis referentes ao assunto, a Prefeitura de Uberlândia realizou uma seleção dos principais desenhos técnicos, referenciados nas legislações municipal e federal, para elaborar a **CARTILHA DE ACESSIBILIDADE**, que é mais uma ferramenta de apoio técnico disponível para ajudar a sanar dificuldades e contribuir para que Uberlândia continue se orgulhando do título de exemplo de boas práticas em acessibilidade.

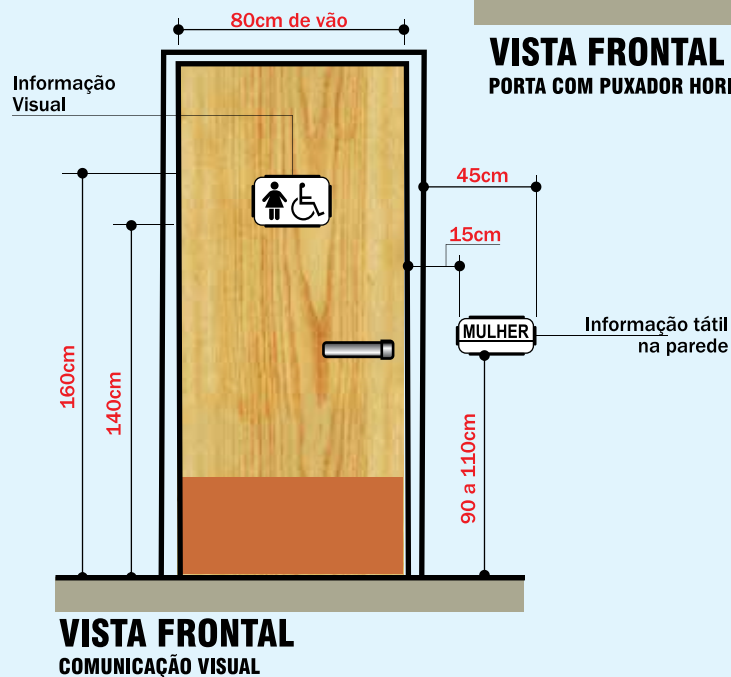
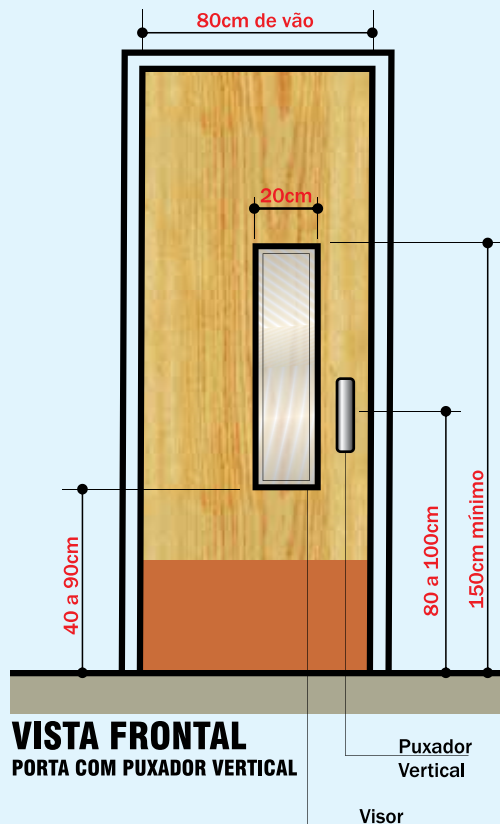
Para a elaboração deste material foi levada em conta a experiência do Núcleo de Acessibilidade em contato direto com especialistas do setor, tomando como base a legislação vigente e as normas de acessibilidade, como a NBR 9050/15, da ABNT. Dessa forma, procurou-se ilustrar essas normas em desenhos de fácil entendimento e pouco texto, privilegiando a imagem e valorizando a informação passada em cada detalhe.

Diretoria de Acessibilidade e Mobilidade Reduzida



PARÂMETROS PARA PORTAS

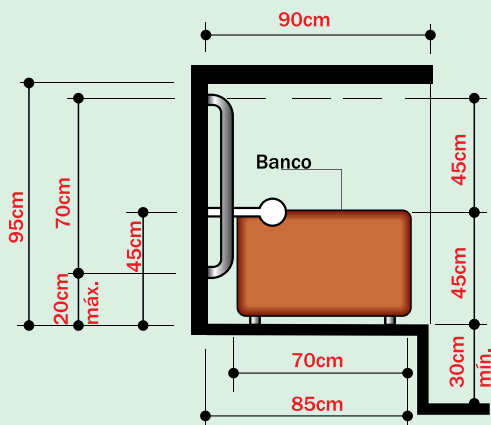
ITEM 4.6.6.4
(PÁGINA 23 - NBR 9050/2015)



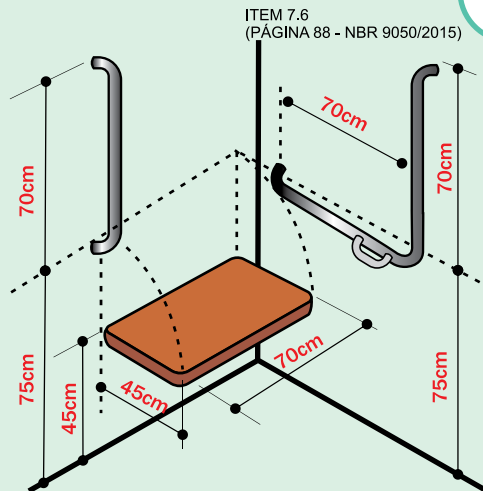


BARRAS DE APOIO

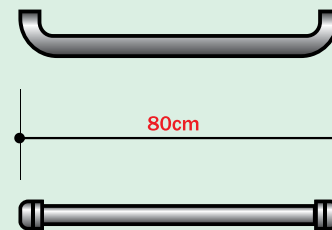
ITEM 7.6
(PÁGINA 88 - NBR 9050/2015)



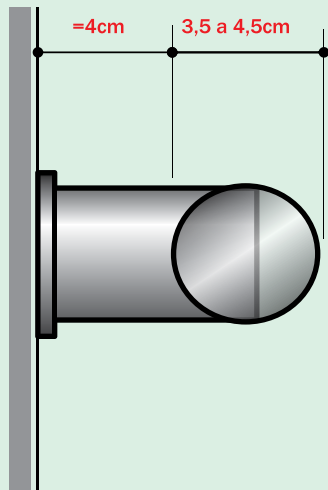
PLANTA
BOX CHUVEIRO ACESSÍVEL



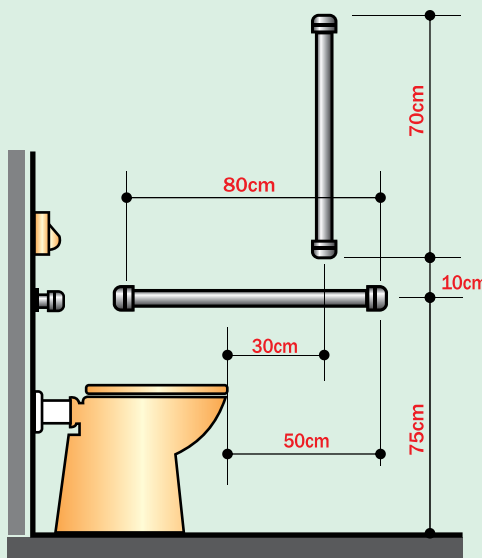
PERSPECTIVA
BOX CHUVEIRO ACESSÍVEL



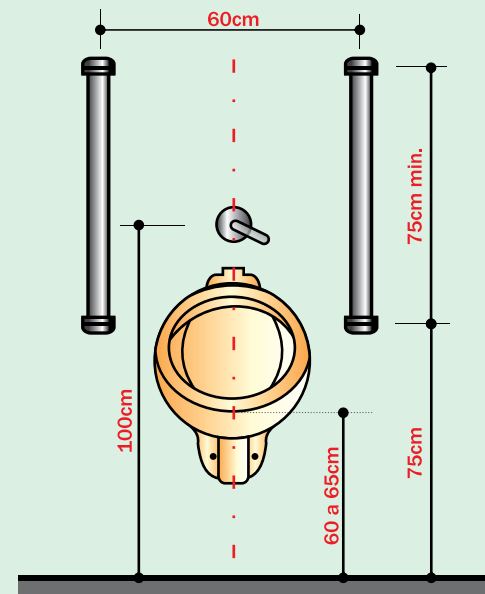
DETALHE
BARRA DE APOIO



CORTE
BARRA DE APOIO



VISTA LATERAL
SANITÁRIO ACESSÍVEL

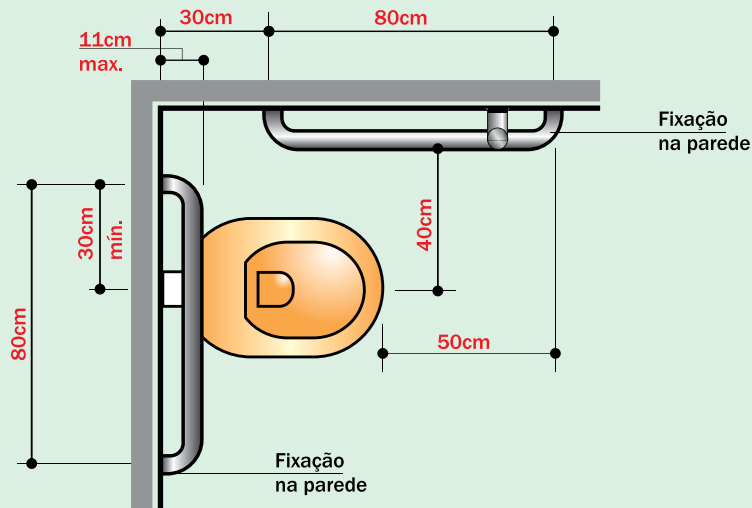


VISTA FRONTAL
MICTÓRIO ACESSÍVEL

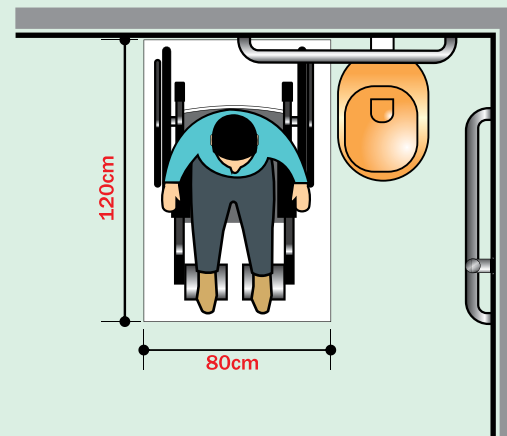


BACIA SANITÁRIA

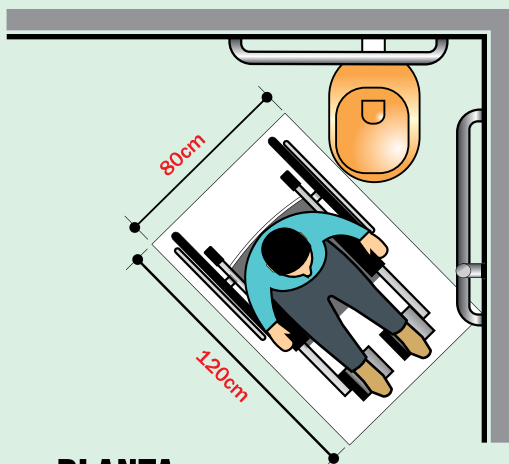
ITEM 7.7.1
(PÁGINA 89 - NBR 9050/2015)



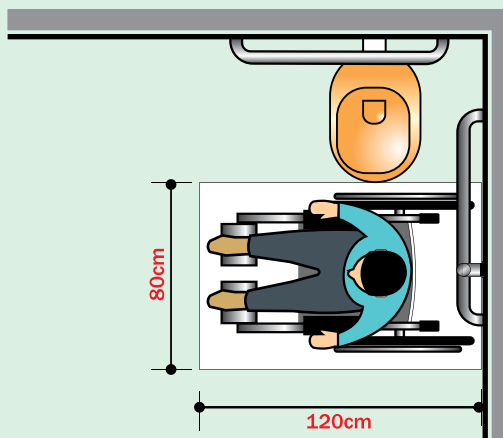
PLANTA
SANITÁRIO ACESSÍVEL



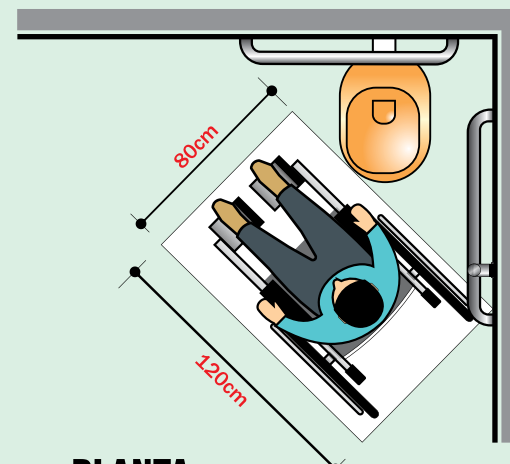
PLANTA
TRANSFERÊNCIA LATERAL



PLANTA
TRANSFERÊNCIA DIAGONAL



PLANTA
TRANSFERÊNCIA PERPENDICULAR

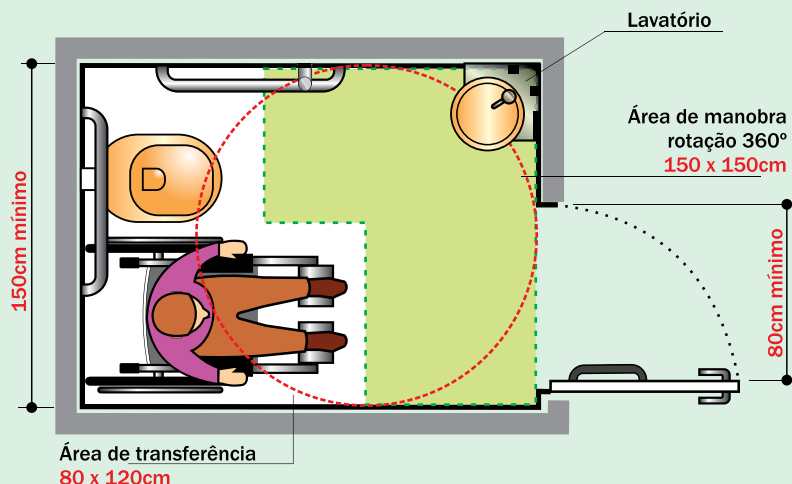


PLANTA
TRANSFERÊNCIA DIAGONAL

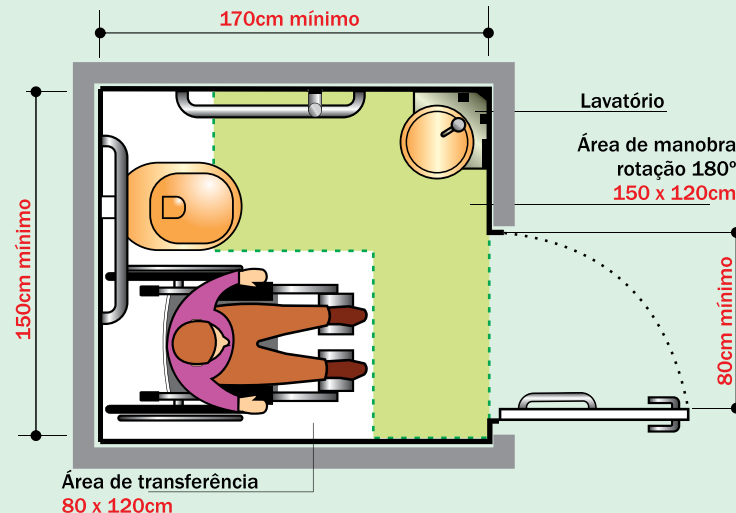


SANITÁRIO ACESSÍVEL

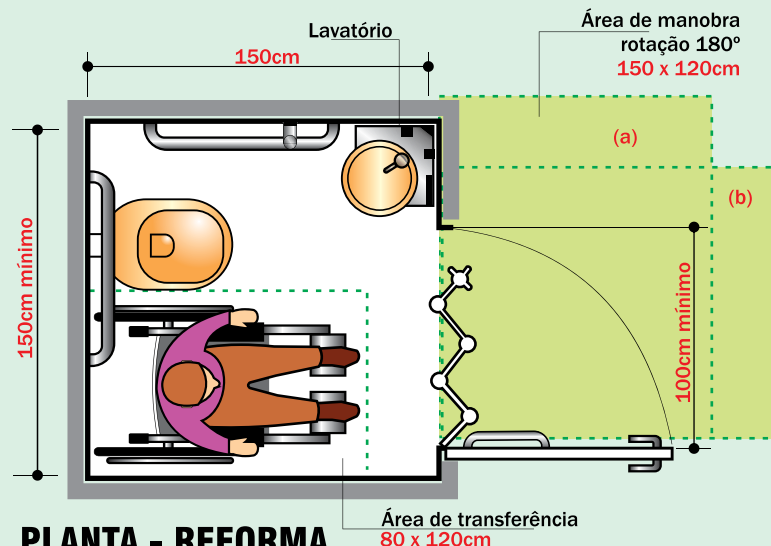
ITEM 7.5
(PÁGINA 85 - NBR 9050/2015)



PLANTA - NOVO
LAYOUT SANITÁRIO ACESSÍVEL



PLANTA - NOVO
LAYOUT SANITÁRIO ACESSÍVEL



PLANTA - REFORMA
LAYOUT SANITÁRIO ACESSÍVEL

NOTA:



Com base na Recomendação nº 36/2013/PRM/UDI/3º Ofício, não é apropriada a instalação de bacia sanitária com abertura frontal em sanitários de uso público e coletivo destinados a pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, uma vez que causa desconforto e riscos para a maioria dos usuários.

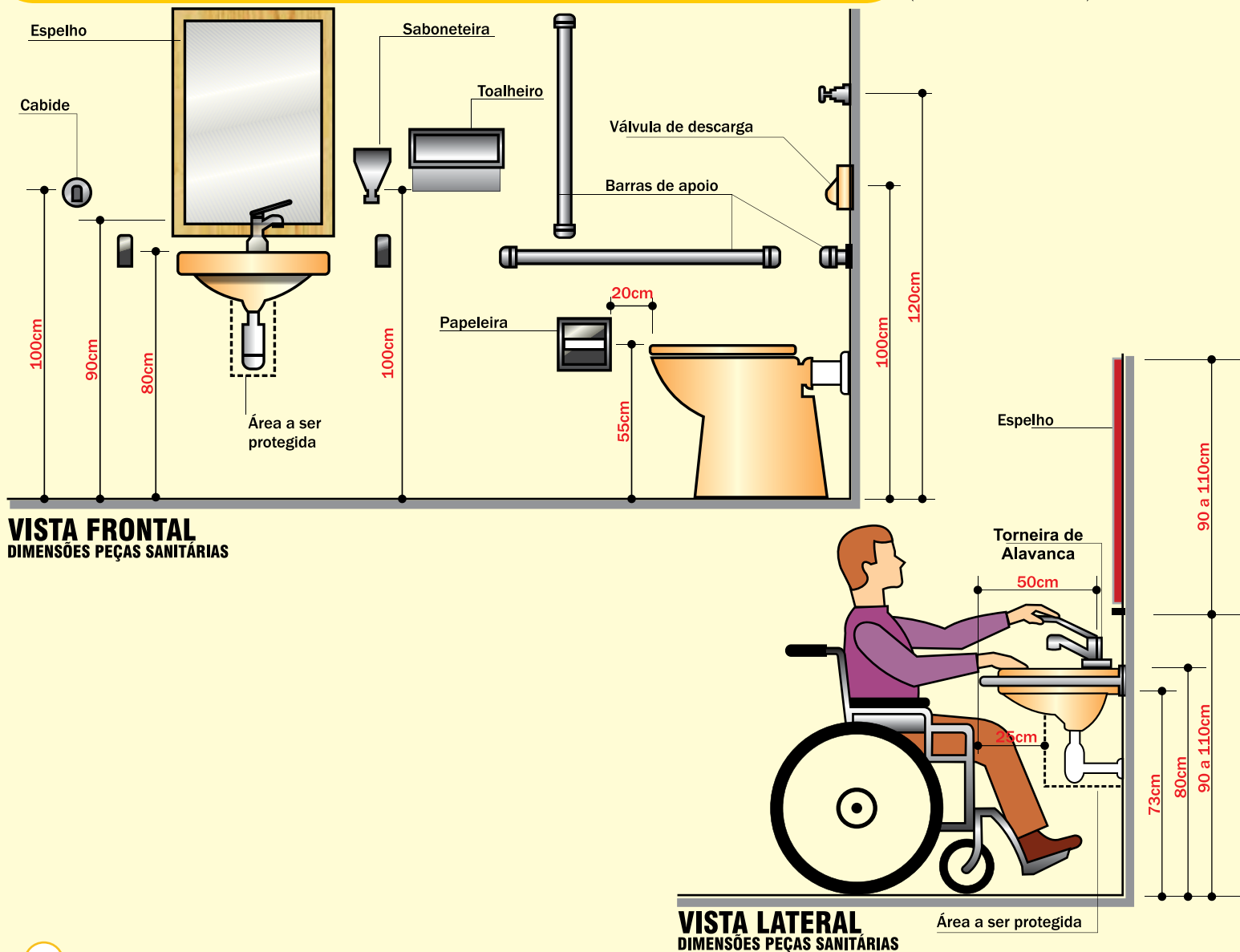
NBR 9050/2015:

7.7 Bacia sanitária
As bacias e assentos em sanitários acessíveis não podem ter abertura frontal.



PARÂMETROS DE ALTURA PARA LOUÇAS E METAIS

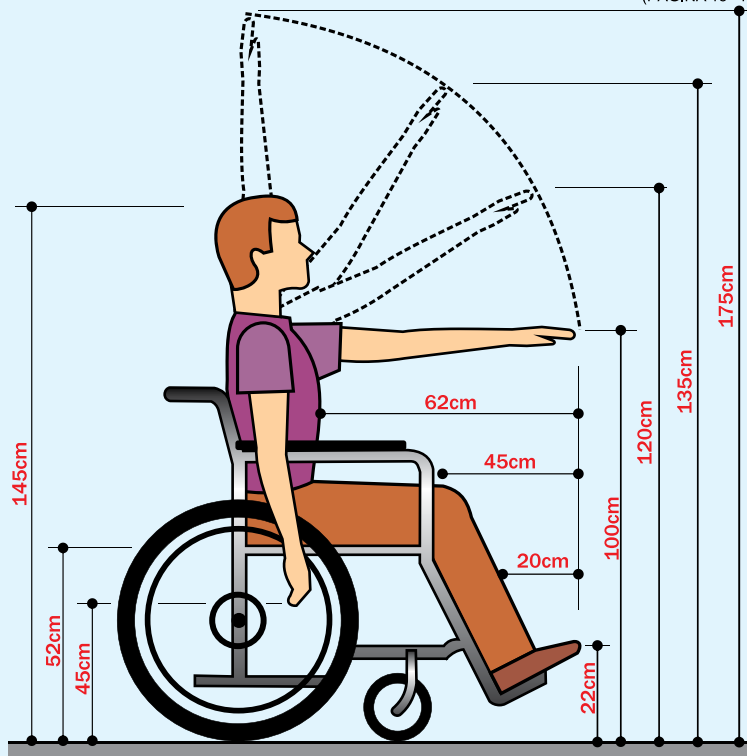
ITEM 7.11
(PÁGINA 105 - NBR 9050/2015)



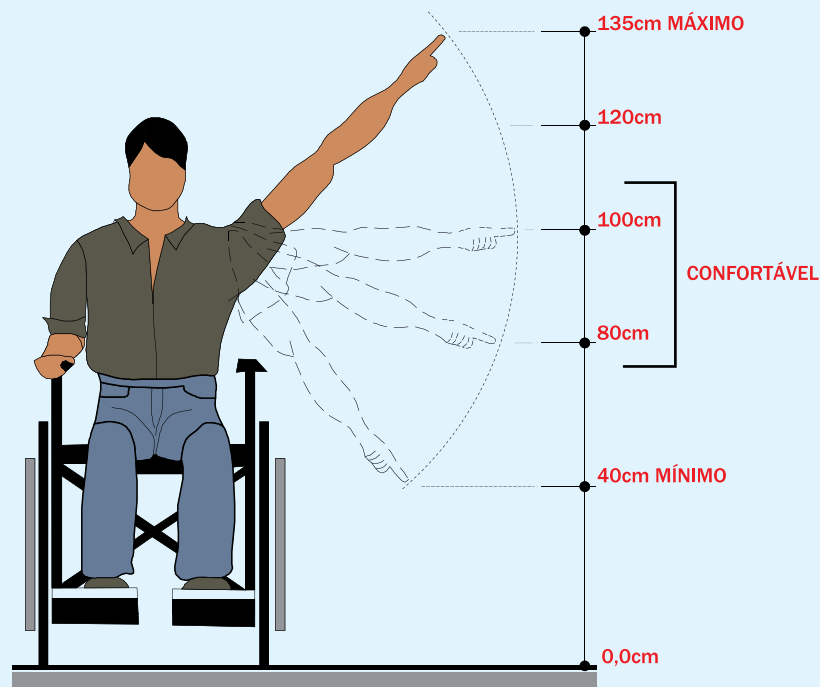


PARÂMETROS PARA ALCANCE

ITEM 4.6
(PÁGINA 15 - NBR 9050/2015)



VISTA LATERAL
ALCANCES - PESSOA SENTADA

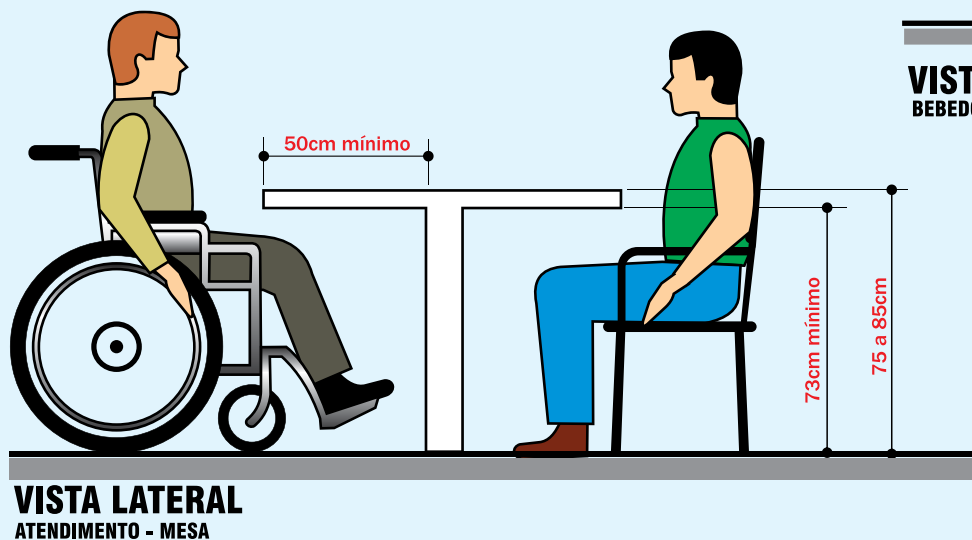
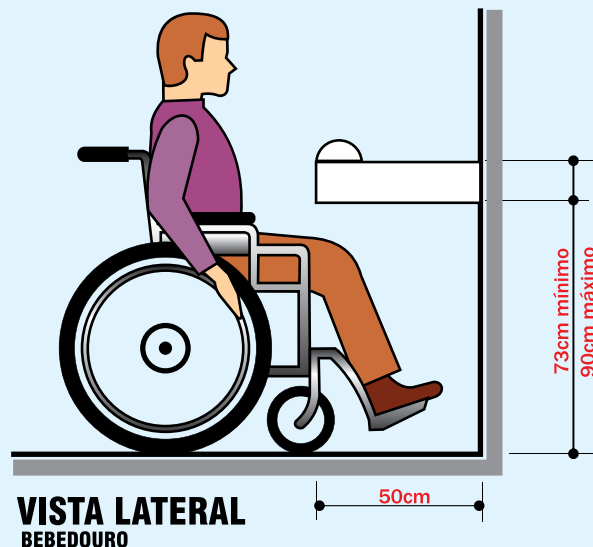
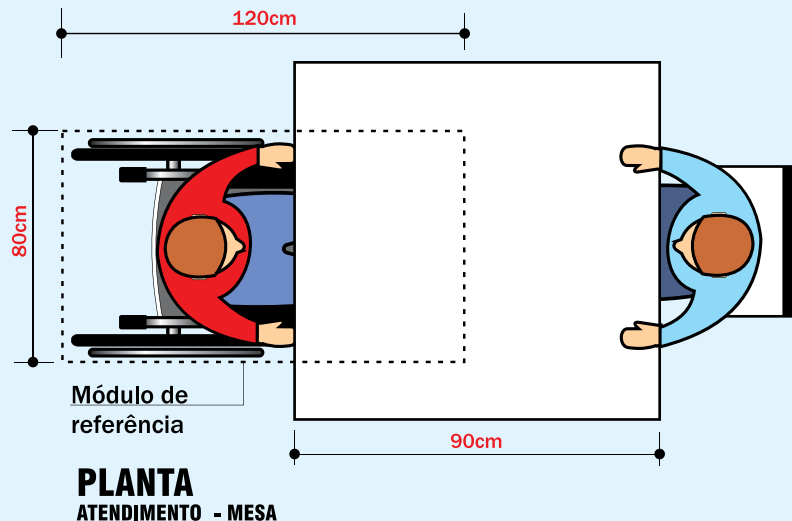


VISTA FRONTAL
ALCANCES - PESSOA SENTADA



PARÂMETROS PARA ATENDIMENTO

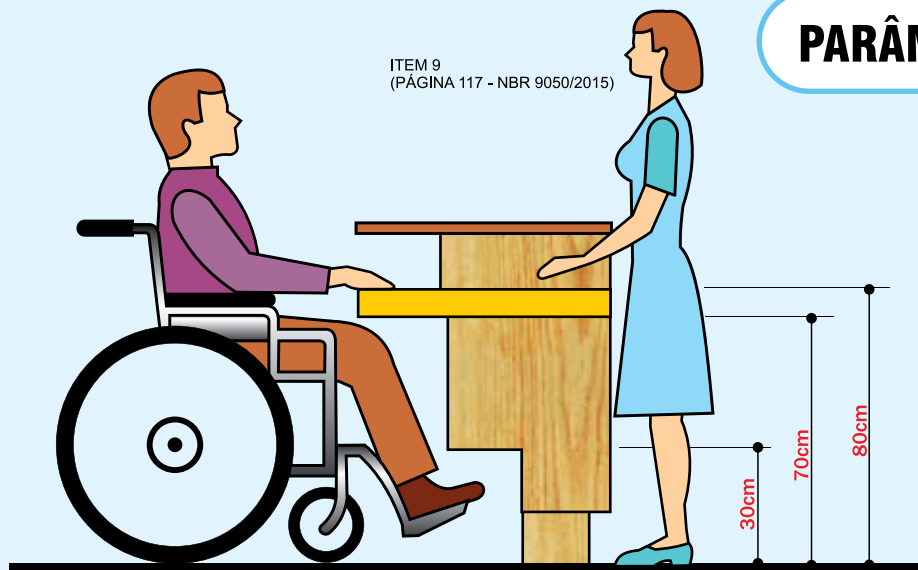
ITEM 9
(PÁGINA 117 - NBR 9050/2015)



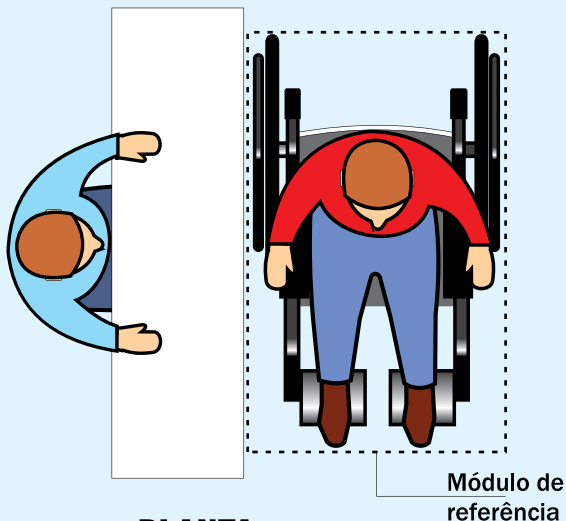


PARÂMETROS PARA ATENDIMENTO

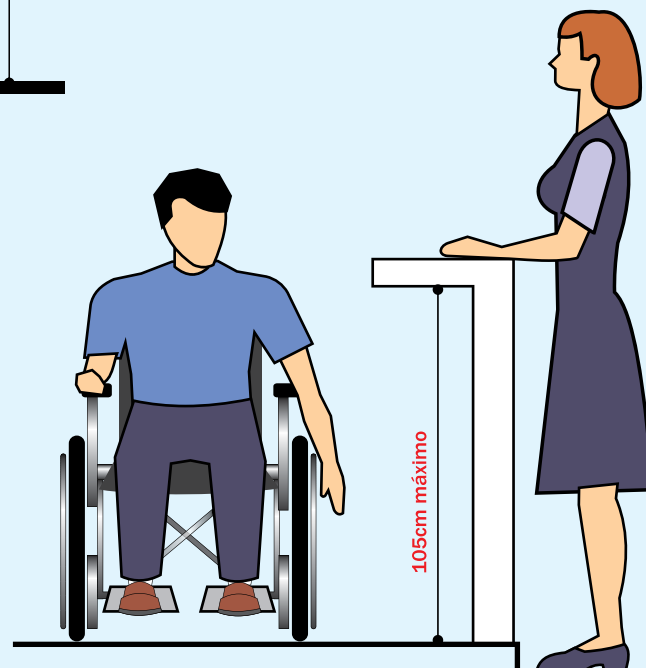
ITEM 9
(PÁGINA 117 - NBR 9050/2015)



VISTA LATERAL
ATENDIMENTO - BALCÃO BAIXO



PLANTA
ATENDIMENTO - BALCÃO

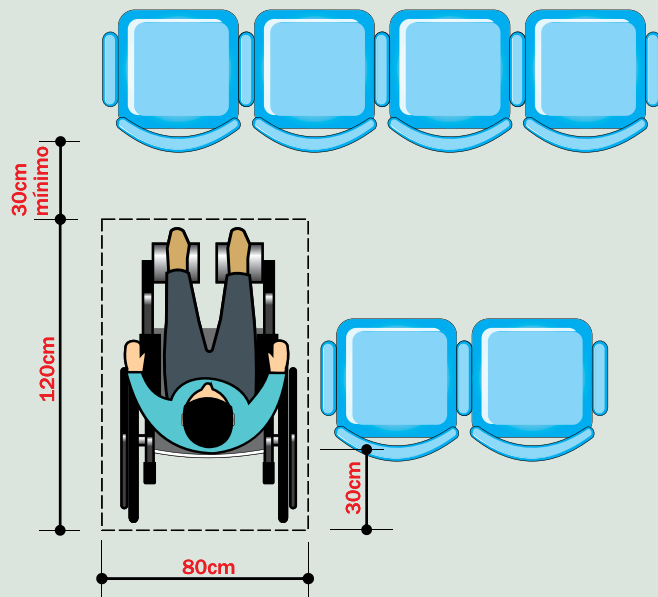


VISTA LATERAL
ATENDIMENTO - BALCÃO ALTO

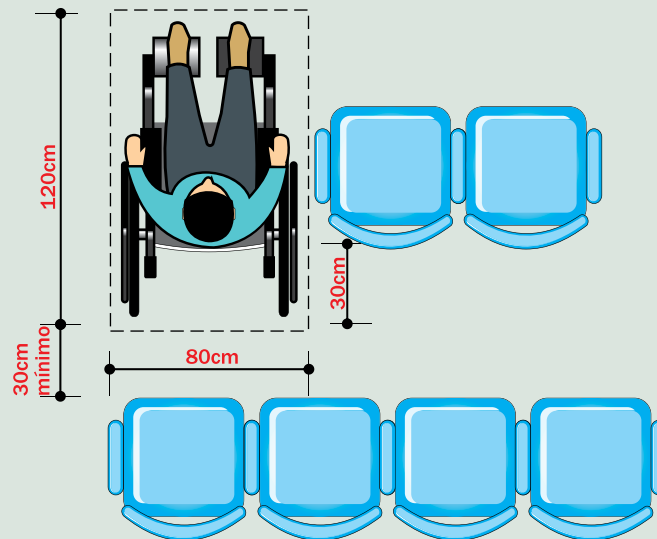


PARÂMETROS PARA SALA DE ESPERA

ITEM 10.3.4
(PÁGINA 126 - NBR 9050/2015)



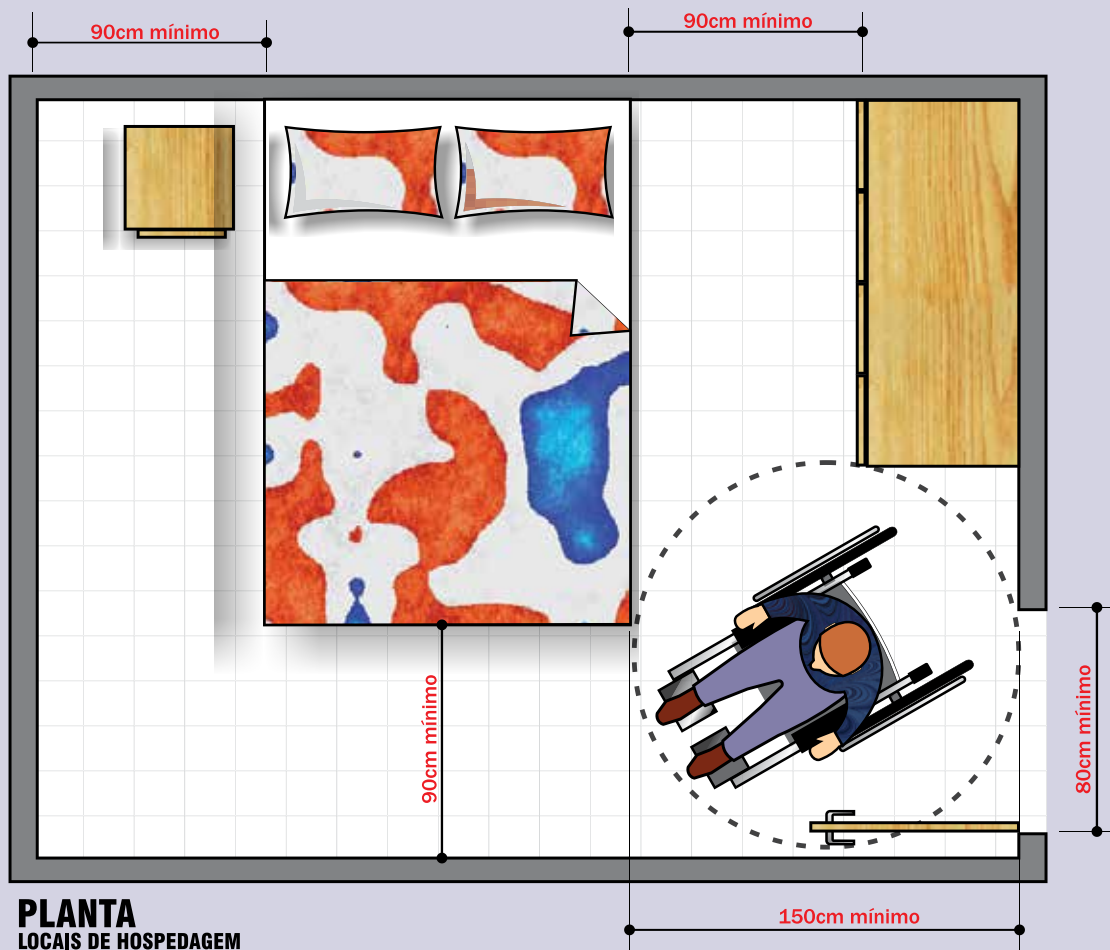
PLANTA
RESERVA DE ESPAÇO PARA PcD
SALAS DE ESPERA





PARÂMETROS PARA DORMITÓRIO

ITEM 10.9
(PÁGINA 129 - NBR 9050/2015)

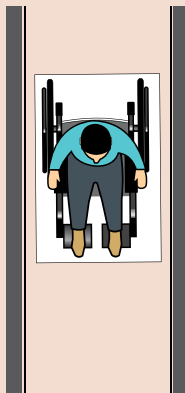


PLANTA
LOCAIS DE HOSPEDAGEM
(SUGESTÃO DE LAYOUT)

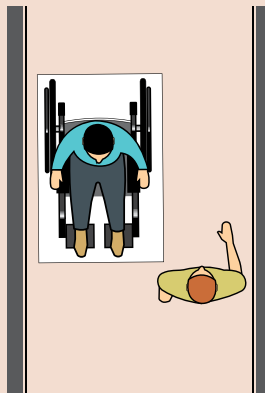


PARÂMETROS PARA CORREDORES

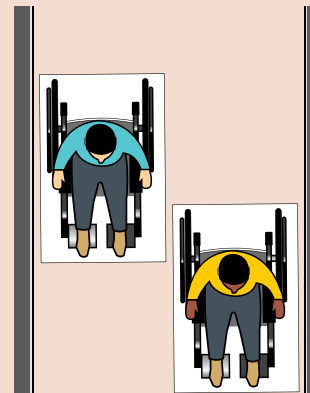
ITEM 4.3
(PÁGINA 09 - NBR 9050/2015)



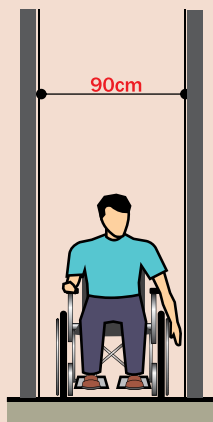
PLANTA



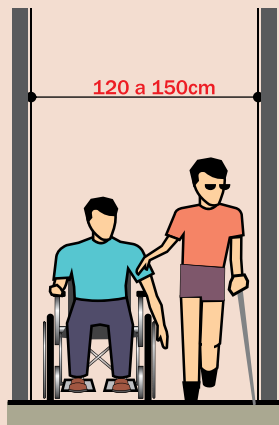
PLANTA



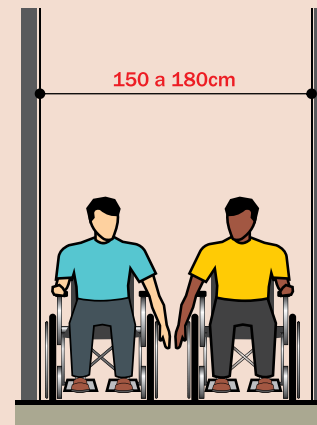
PLANTA



VISTA
UMA PESSOA EM
CADEIRA DE RODAS



VISTA
UM PEDESTRE E UMA PESSOA
EM CADEIRA DE RODAS



VISTA
DUAS PESSOAS EM
CADEIRA DE RODAS

NOTA:

CORREDORES:

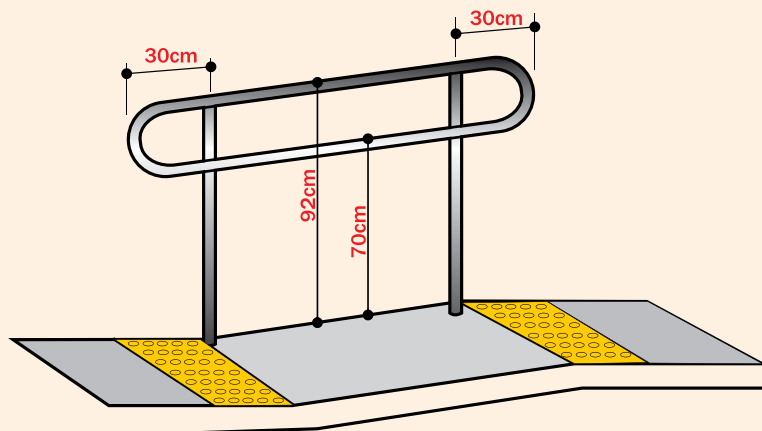
a) 0,90 m para corredores de uso comum com extensão até 4,00 m;

b) 1,20 m para corredores de uso comum com extensão até 10,00 m; e 1,50 m para corredores com extensão superior a 10,00 m.

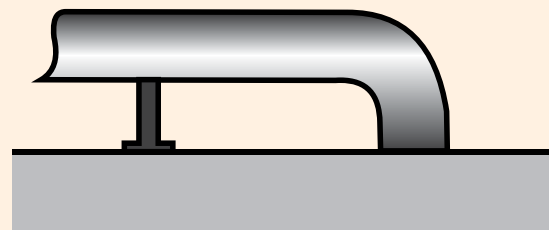


PARÂMETROS PARA CORRIMÃO E GUARDA-CORPO

ITEM 6.9
(PÁGINA 63 - NBR 9050/2015)

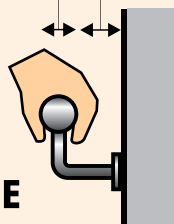


PERSPECTIVA
RAMPA - CORRIMÃOS

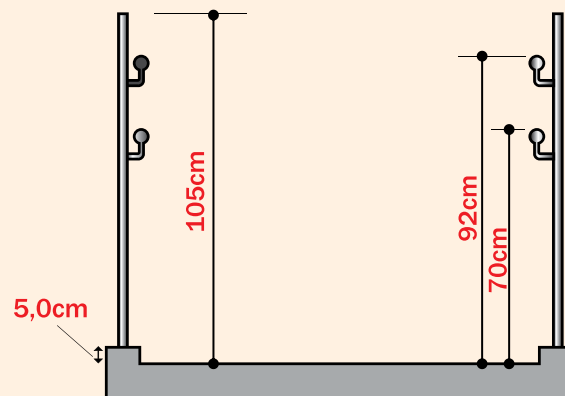


VISTA SUPERIOR
CORRIMÃOS

3,0 a 4,5cm
mínimo = 4,0cm



DETALHE
CORRIMÃOS



CORTE TRANSVERSAL
RAMPA - CORRIMÃOS



PARÂMETROS PARA CORRIMÃO E GUARDA-CORPO

ITEM 6.9
(PÁGINA 63 - NBR 9050/2015)



PERSPECTIVA
RAMPA - CORRIMÃOS



PERSPECTIVA
RAMPA - CORRIMÃOS



PARÂMETROS PARA CORRIMÃO E GUARDA CORPO

ITEM 6.9
(PÁGINA 63 - NBR 9050/2015)

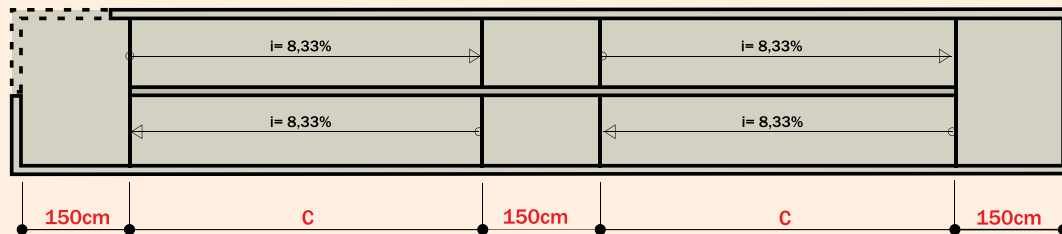


PERSPECTIVA
RAMPA - CORRIMÃOS

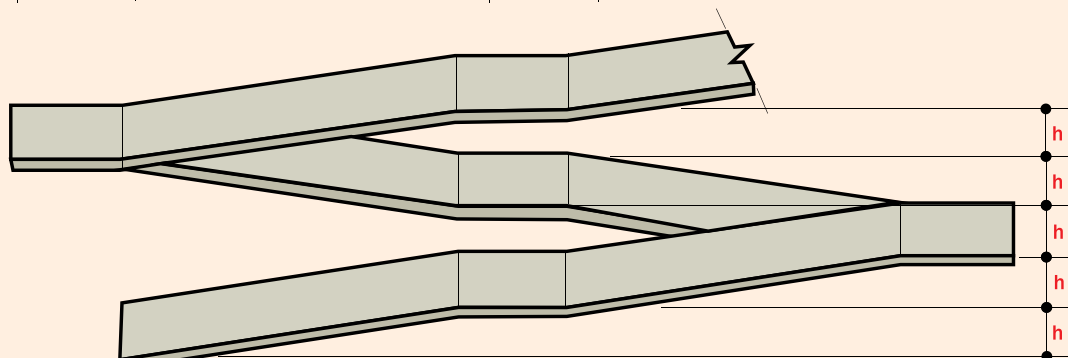


PARÂMETROS PARA RAMPAS

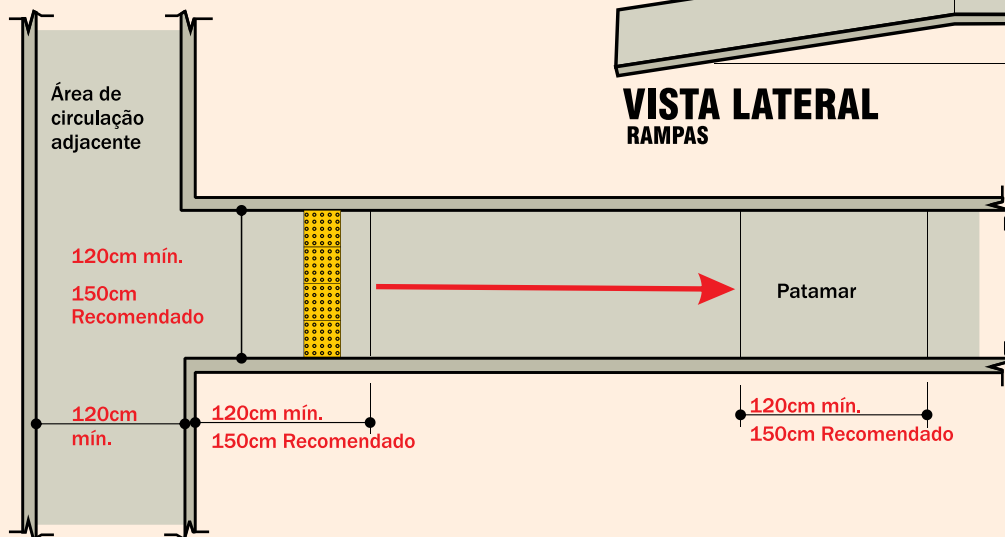
ITEM 6.6
(PÁGINA 58 - NBR 9050/2015)



**PLANTA
RAMPAS**



**VISTA LATERAL
RAMPAS**



**PLANTA
RAMPAS**

Equação para calcular a
inclinação das rampas:

$$i = \frac{h \times 100}{C}$$

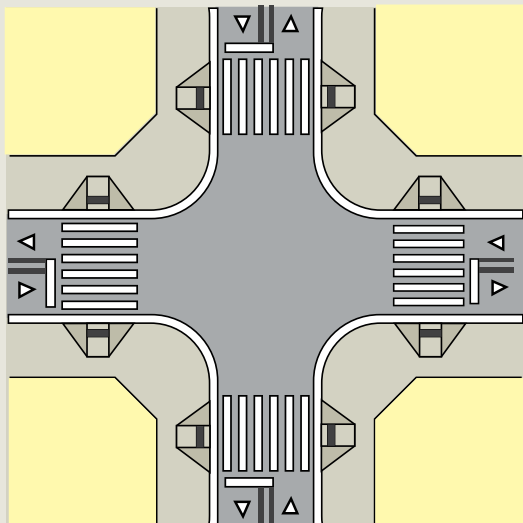
i - inclinação em porcentagem

h - altura desnível

C - comprimento da projeção horizontal

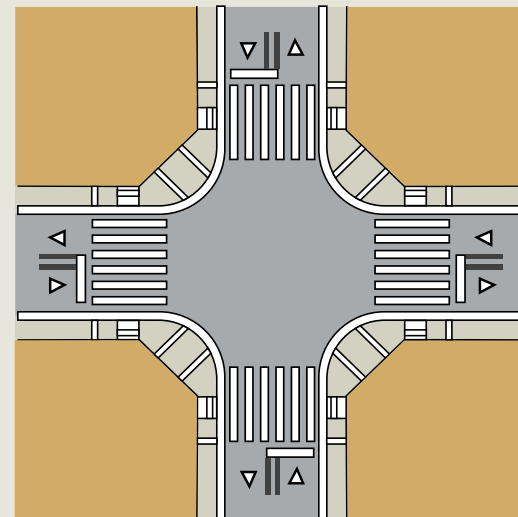


PARÂMETROS PARA RAMPAS DE ESQUINAS



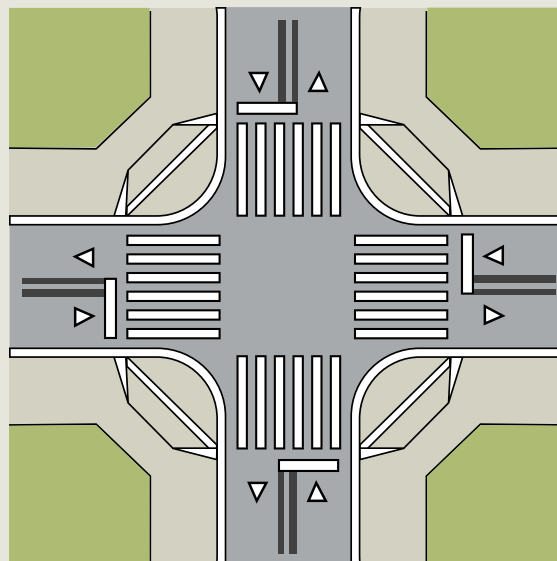
PLANTA REBAIXO DE ESQUINAS - A

(RAMPAS DE ESQUINA ALINHADAS ÀS FAIXAS DE PEDESTRES, AFASTADAS DOS RAIOS DE CURVA).



PLANTA REBAIXO DE ESQUINAS - B

(EM CASO DE PASSEIOS PÚBLICOS ESTREITOS, AS RAMPAS DE ESQUINA FICAM NOS RAIOS DE CURVA, REBAIXANDO SUA EXTENSÃO COMPLETA).



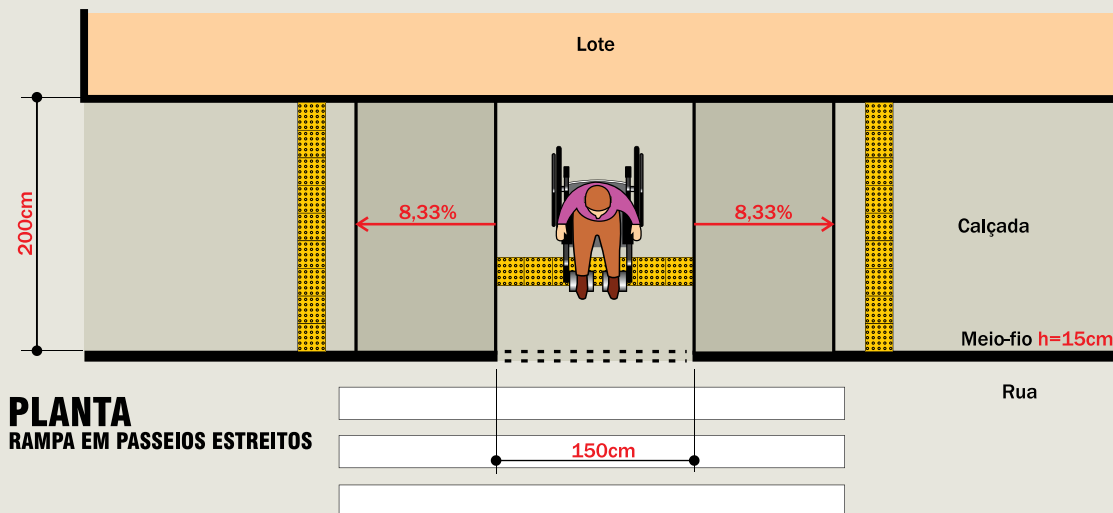
PLANTA REBAIXO DE ESQUINAS - C

(RAMPAS DE ESQUINA COLOCADAS SOMENTE NOS RAIOS DE CURVA DAS ESQUINAS, LIBERANDO ESPAÇO NOS PASSEIOS PÚBLICOS ADJACENTES).



PARÂMETROS PARA RAMPAS DE ESQUINAS

ITEM 6.12.7.3.4
(PÁGINA 81 - NBR 9050/2015)

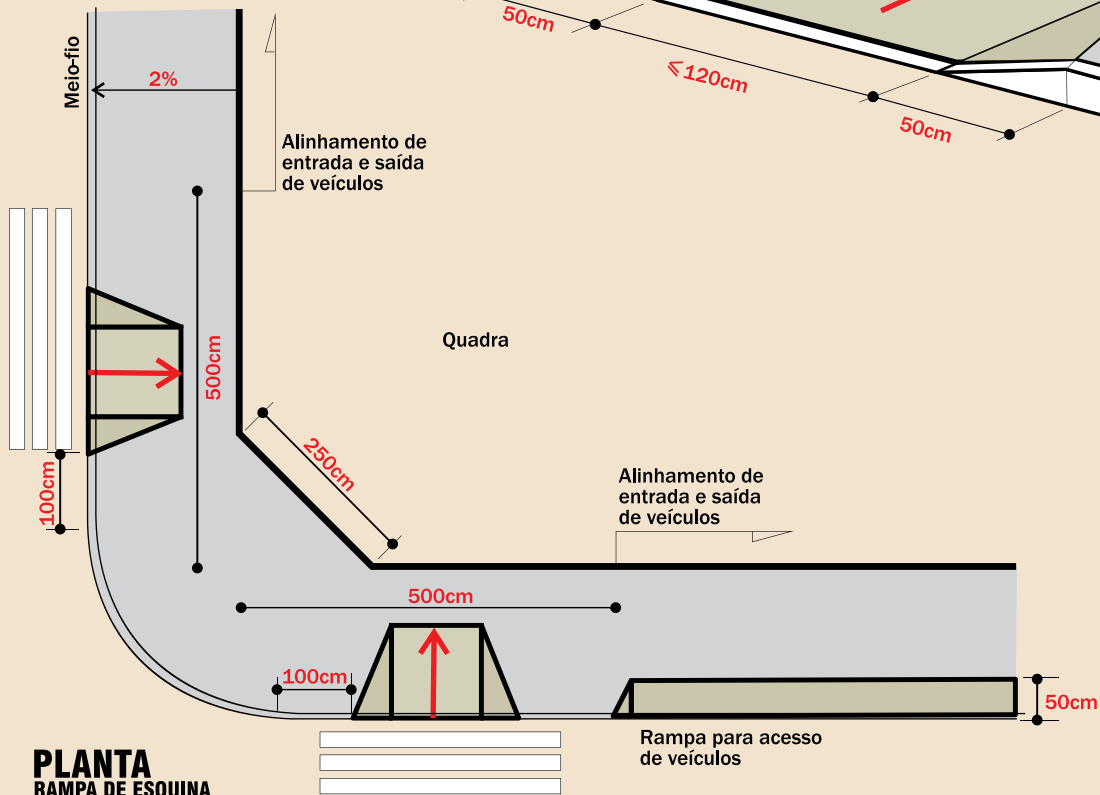
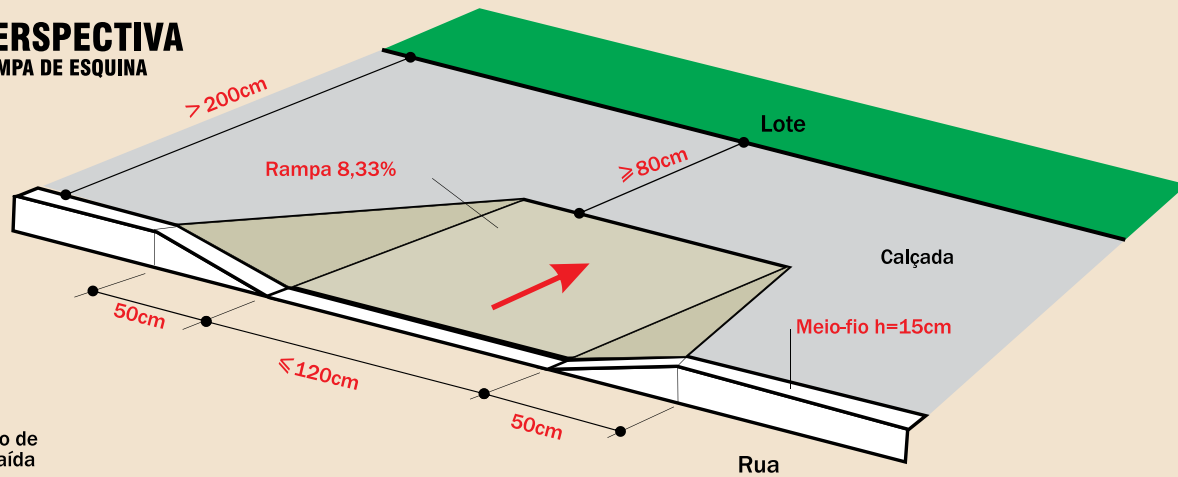


PERSPECTIVA
RAMPA EM PASSEIOS ESTREITOS



PARÂMETROS PARA RAMPA EM CALÇADA

PERSPECTIVA
RAMPA DE ESQUINA



PLANTA
RAMPA DE ESQUINA



ITEM 6.12.7.2
(PÁGINA 79 - NBR 9050/2015)





PARÂMETROS PARA CALÇADAS

ITEM 6.12.4
(PÁGINA 76 - NBR 9050/2015)



PERSPECTIVA ACESSO DE VEÍCULOS

NOTAS:

Art. 15, § 4º

São vedados os usos dos seguintes materiais na faixa de circulação: pintura resinada, ardósia, granito polido, mármore, marmorite, pastilhas, cerâmica lisa e cimento liso.

LEI Nº 10.686, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2010.

Art. 15. A faixa de circulação destina-se exclusivamente ao trânsito de pedestres, não podendo ser atribuído outro uso, mesmo que temporário, e deverá ter inclinação transversal máxima de 2% (dois por cento), ter permanente manutenção, superfície regular, firme, estável e antiderrapante, sob qualquer condição, e deverá evitar trepidação que prejudique a livre circulação.

§ 1º Consideram-se materiais adequados para acabamento de faixas de circulação:

- a) cimentado áspero;
- b) cimentado estampado;
- c) ladrilho hidráulico;
- d) bloco intertravado;
- e) placa pré-moldada de concreto.



PARÂMETROS PARA CALÇADAS



PERSPECTIVA
PASSEIO PÚBLICO



PERSPECTIVA
PASSEIO PÚBLICO

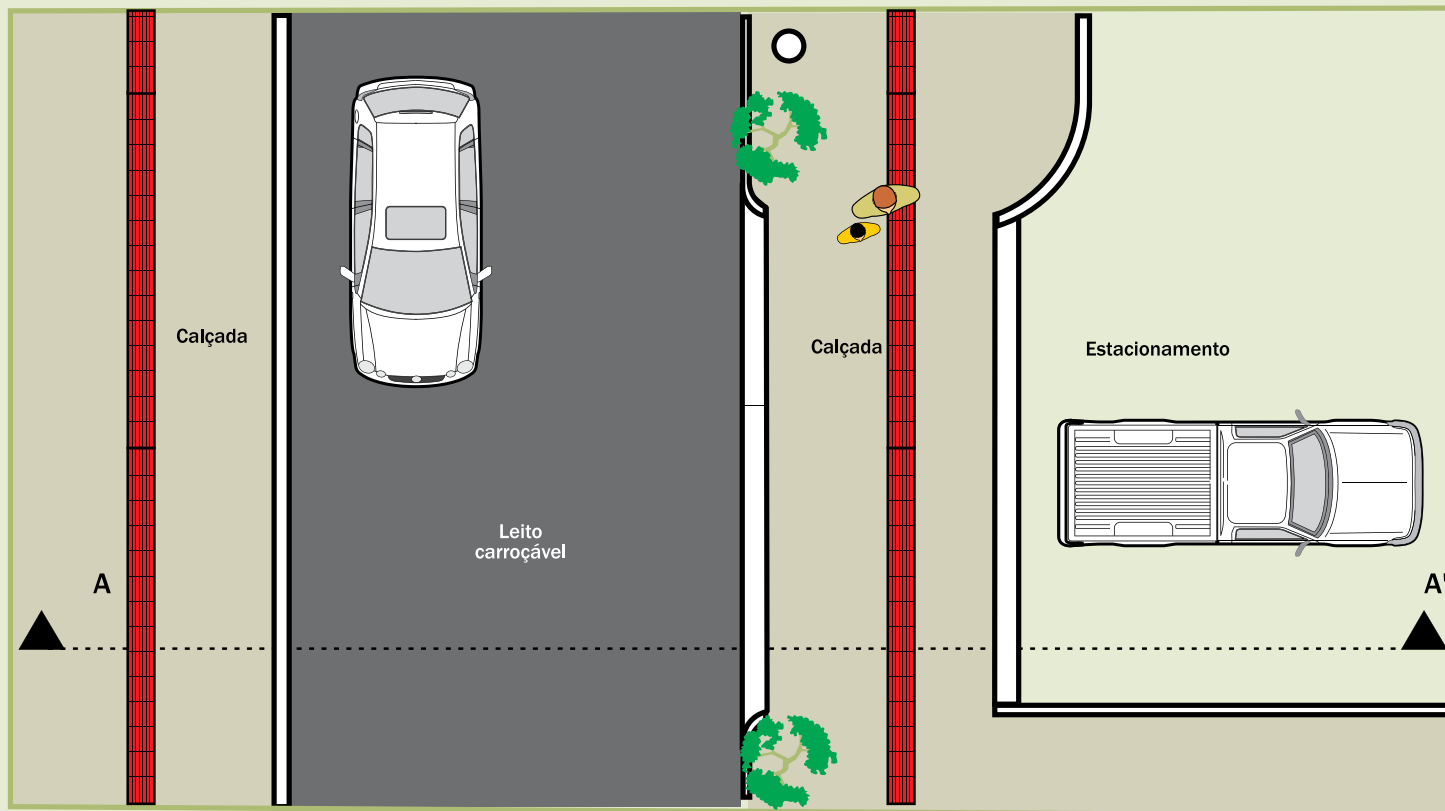


PERSPECTIVA
PASSEIO PÚBLICO

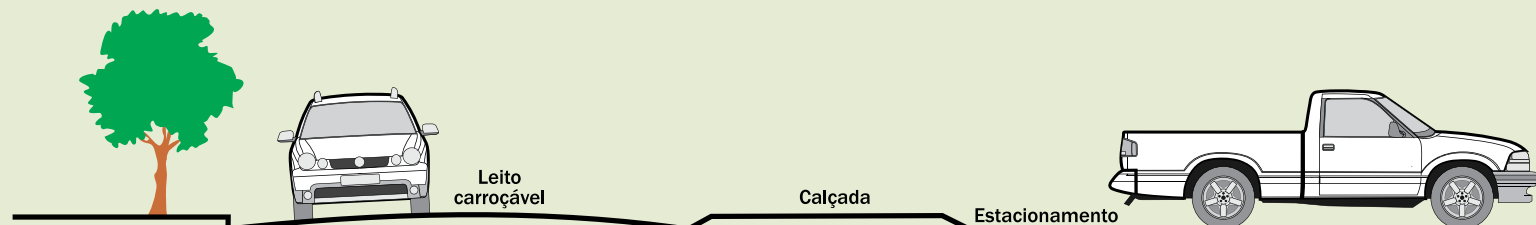


PARÂMETROS PARA CALÇADAS

ITEM 6.12.4
(PÁGINA 76 - NBR 9050/2015)



PLANTA
PASSEIO PÚBLICO



CORTE
PASSEIO PÚBLICO



PARÂMETROS PARA CALÇADAS

ITEM 6.12
(PÁGINA 73 - NBR 9050/2015)



PERSPECTIVA
CALÇADA PÚBLICA



PARÂMETROS PARA PORTÃO BASCULANTE

ITEM 6.15
(PÁGINA 85 - NBR 9050/2015)



PERSPECTIVA 01 - INADEQUADO



CORTE 01 - INADEQUADO



PERSPECTIVA 02 - ADEQUADO



CORTE 02 - ADEQUADO

LEI Nº 10.686, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2010.

Art. 20. É vedada a abertura de portas, portões e grades, com ocupação parcial ou total da calçada, independente da forma de acionamento.

§ 1º Os portões com abertura basculante instalados no alinhamento das divisas com as vias públicas somente poderão ter abertura com a sua aresta inferior basculando para dentro.

§ 2º Somente será permitido portão com abertura para fora quando a projeção do portão aberto estiver totalmente dentro do limite do lote.

§ 3º A altura mínima da parte projetada sobre a calçada é de 2,40 m (dois metros e quarenta centímetros).

- Aresta inferior bascula para dentro do lote.



ITEM 6.12.5
(PÁGINA 76 - NBR 9050/2015)

PARÂMETROS PARA RAMPAS DE ACESSO PROVISÓRIO



PERSPECTIVA
ACESSO PROVISÓRIO



PERSPECTIVA
ACESSO PROVISÓRIO



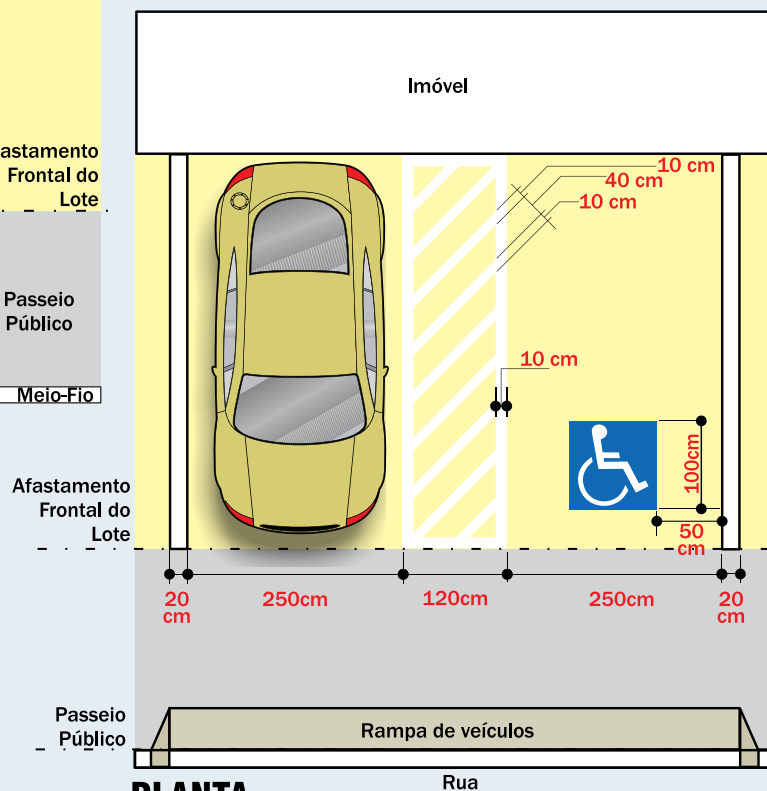
PERSPECTIVA
ACESSO PROVISÓRIO



Resolução Nº 236/07 - CONTRAN



§ 1o As vagas a que se refere o caput deste artigo devem equivaler a 2% (dois por cento) do total, garantida, no mínimo, 1 (uma) vaga devidamente sinalizada e com as especificações de desenho e traçado de acordo com as normas técnicas vigentes de acessibilidade.

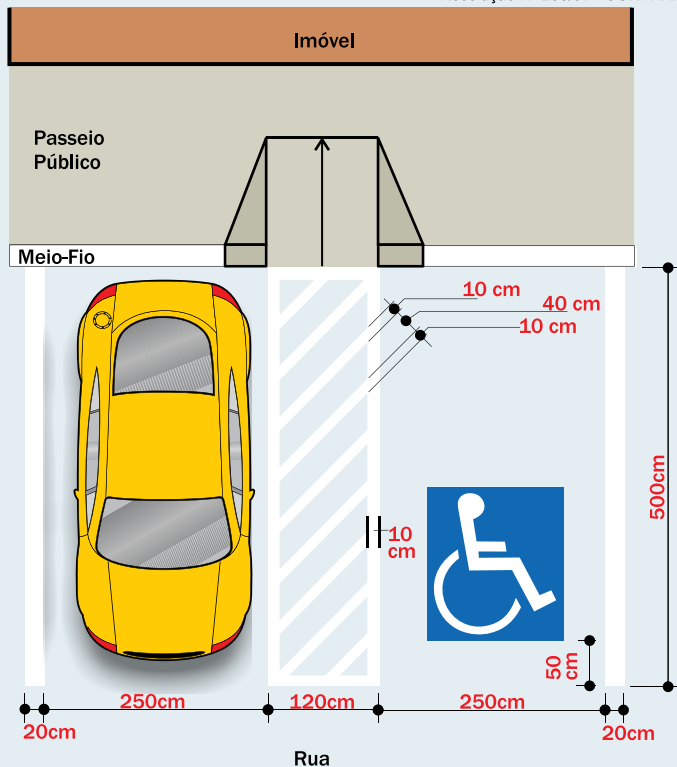


PLANTA VAGA PERPENDICULAR

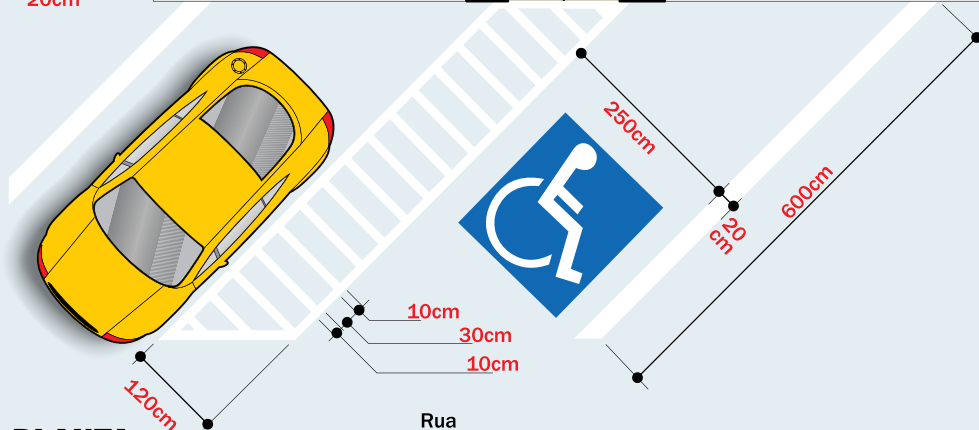
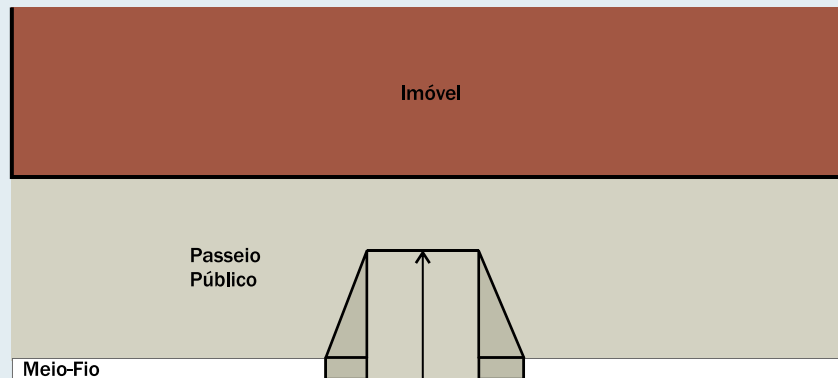


PARÂMETROS PARA ESTACIONAMENTOS

Resolução Nº 236/07 - CONTRAN



PLANTA
VAGA PERPENDICULAR

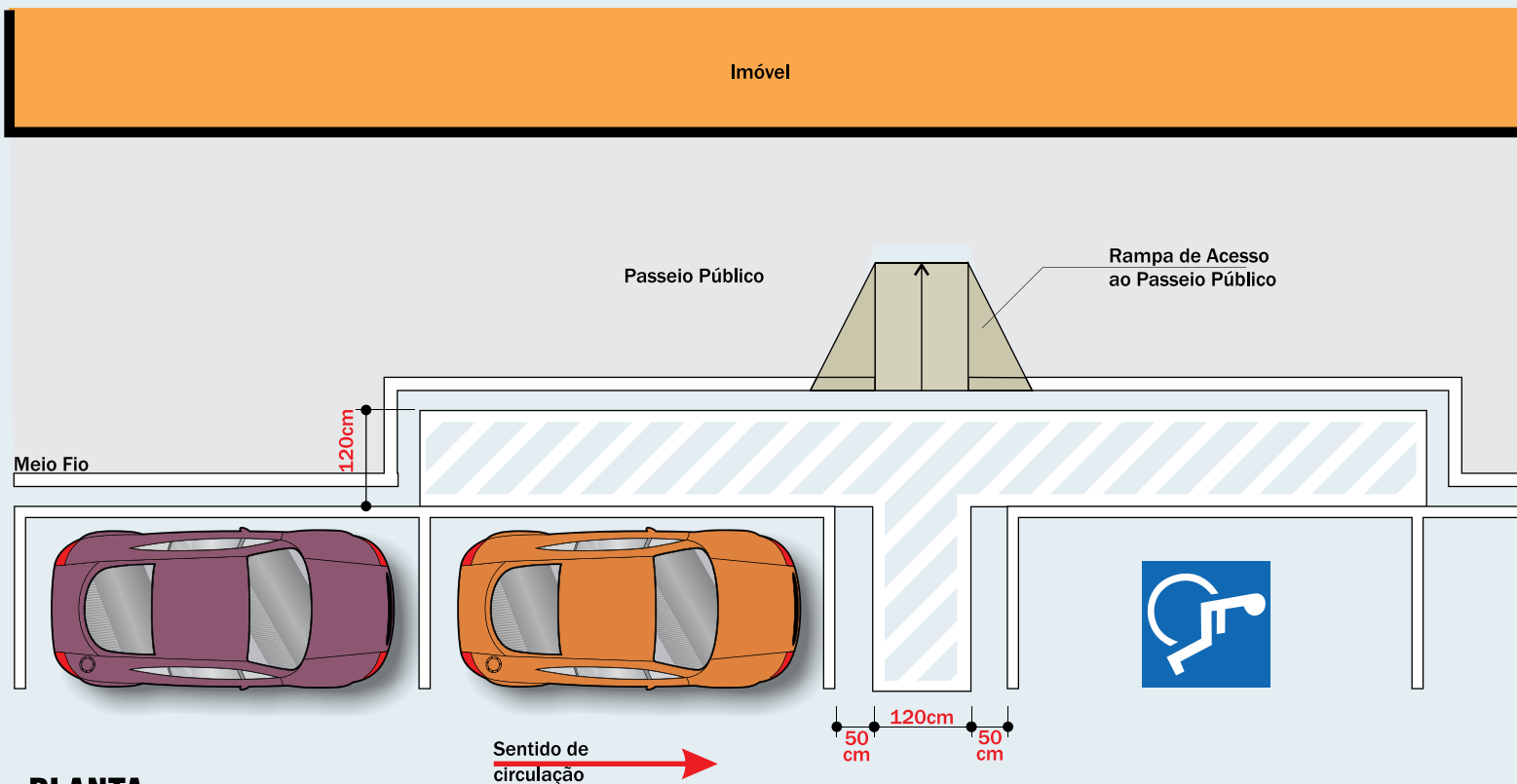


PLANTA
VAGA PERPENDICULAR



PARÂMETROS PARA ESTACIONAMENTOS

Resolução Nº 236/07 - CONTRAN



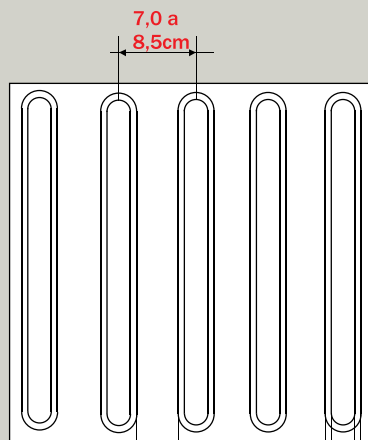
PLANTA VAGA PARALELA

Nota: A rampa de acesso ao passeio público só pode ser disponibilizada fora da faixa de pedestres quando existir uma vaga de estacionamento que justifique sua execução.

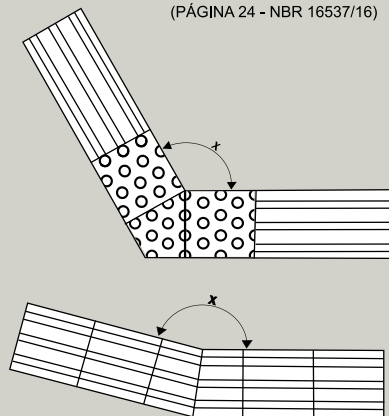


PARÂMETROS PARA PISO TÁTIL

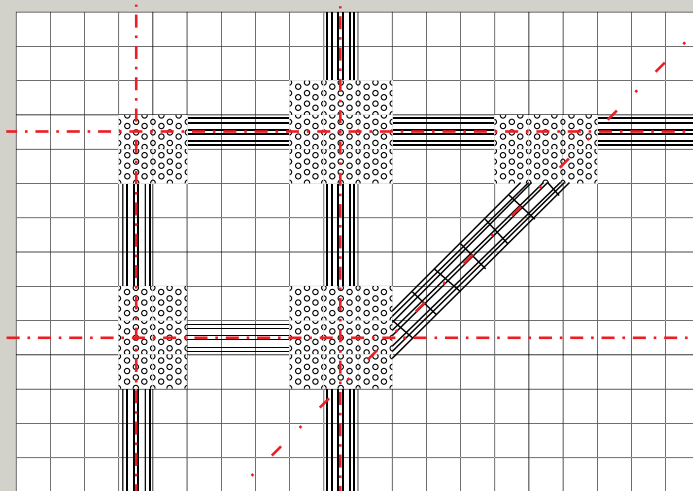
ITEM 7
(PÁGINA 24 - NBR 16537/16)



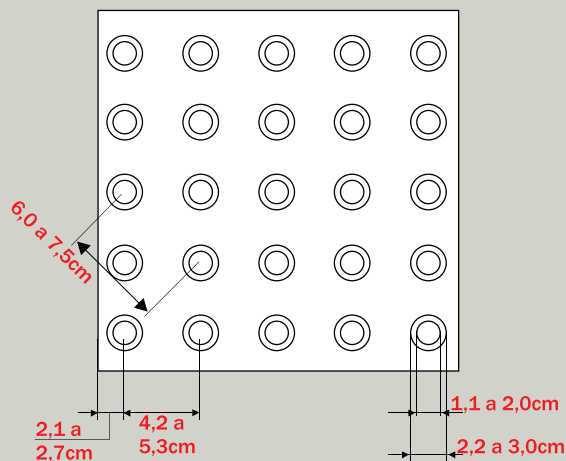
DETALHE
PISO DIRECIONAL



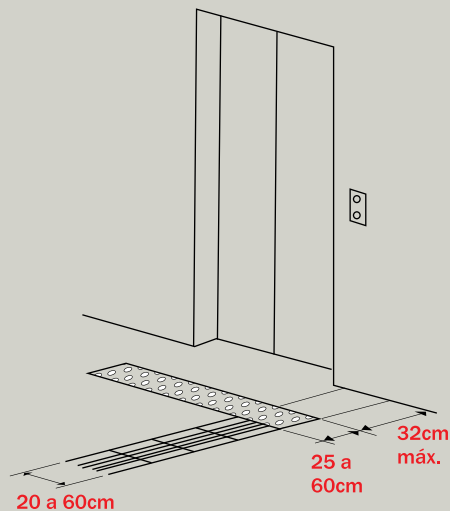
DETALHE
USO DO PISO ALERTA



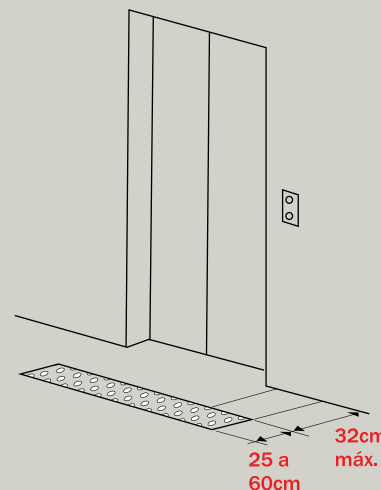
DETALHE
MUDANÇAS DE DIREÇÃO



DETALHE
PISO ALERTA



DETALHE
MARCAÇÃO DE PORTA






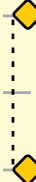

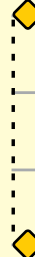
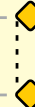

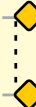




PARÂMETROS PARA ALTURA DE COMANDOS

ITEM 4.6.9
(PÁGINA 24 - NBR 9050/2015)

Alturas recomendadas para o posicionamento de diferentes tipos de comandos e controles.

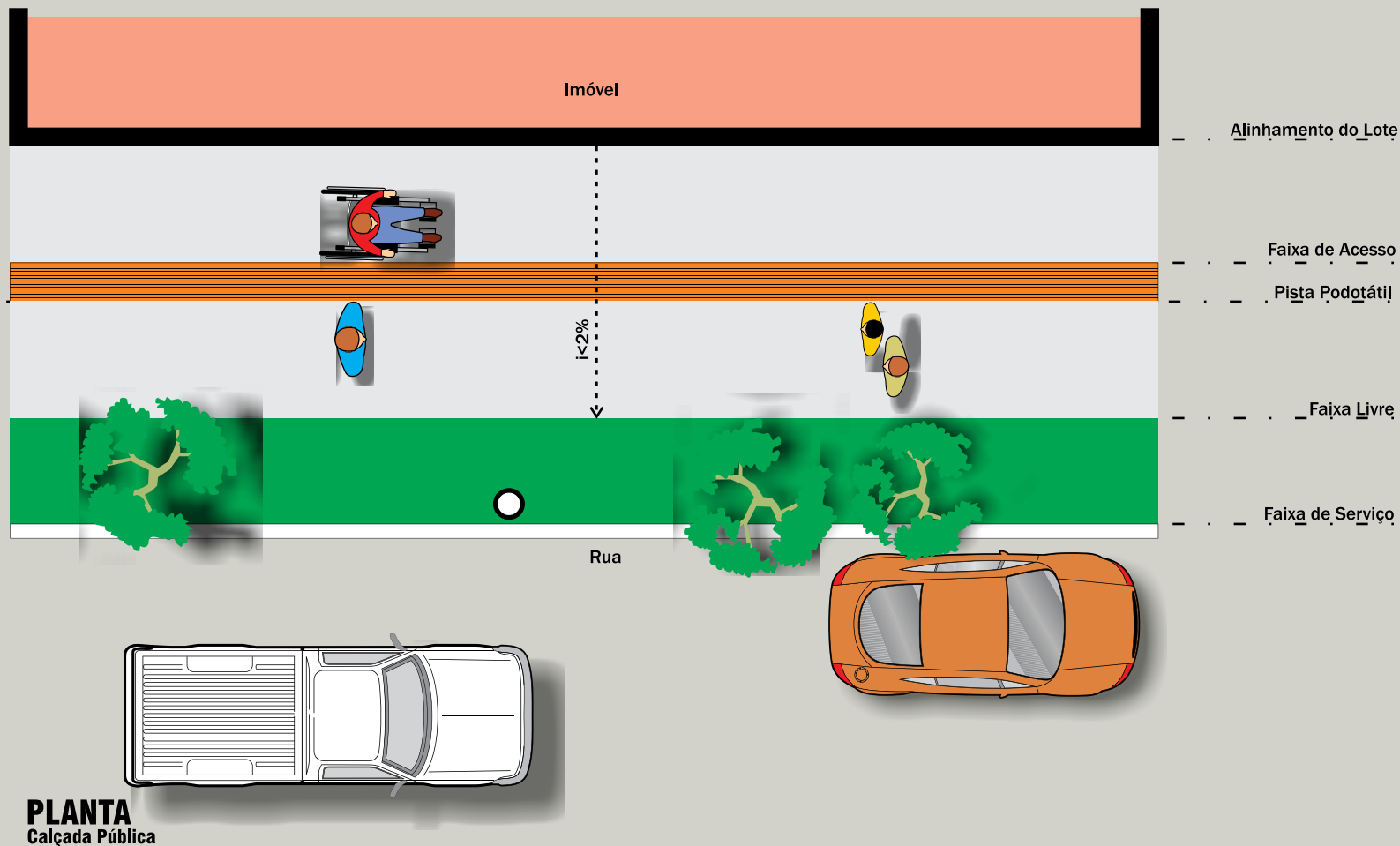
Interruptor	Campainha e Acionador manual (alarme)	Tomada	Interfone, telefone e atendimento automático	Quadro de luz	Comando de aquecedor	Registro de pressão	Comando de janela	Maçaneta de porta	Dispositivo de inserção e retirada de produtos	Comando de precisão	
											120cm máx. 100cm 80cm 60cm 40cm mín. 0,0cm

COMANDOS E ALTURAS



PARÂMETROS PARA PISO TÁTIL

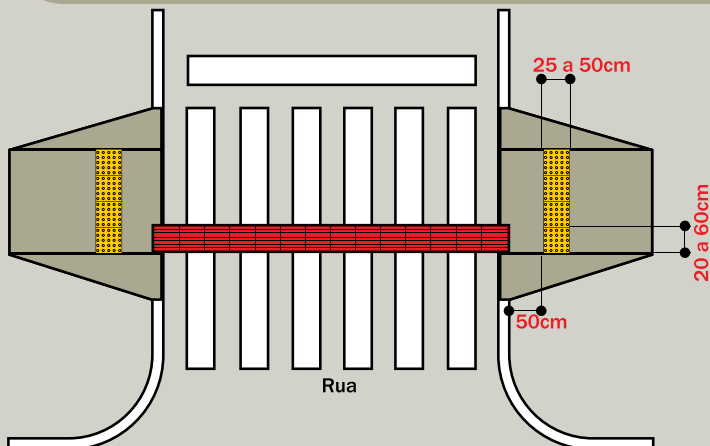
ITEM 7
(PÁGINA 24 - NBR 16537/16)



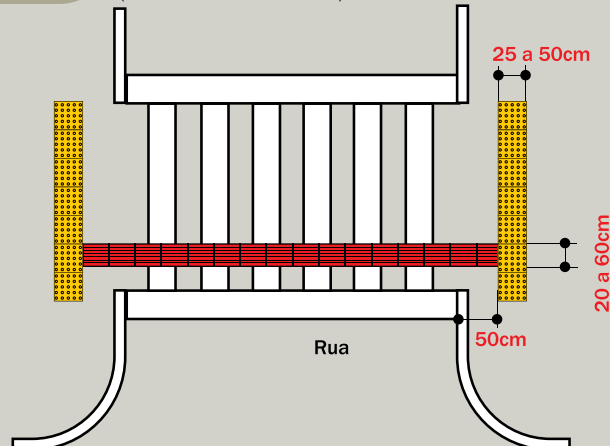


PARÂMETROS PARA SINALIZAÇÃO TÁTIL

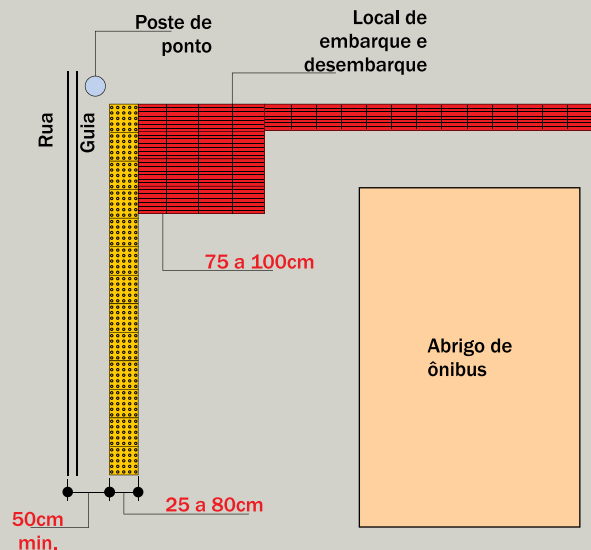
ITEM 7.8
(PÁGINA 33 - NBR 16537/2016)



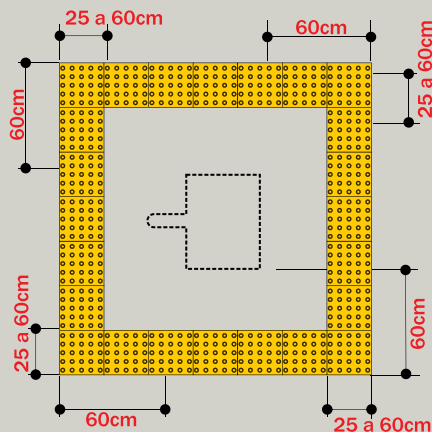
PLANTA
SINALIZAÇÃO TRAVESSIA



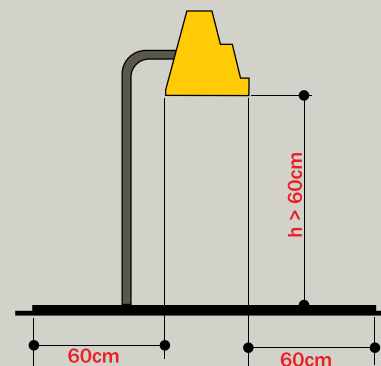
PLANTA
SINALIZAÇÃO TRAVESSIA



PLANTA
SINALIZAÇÃO PONTO DE ÔNIBUS



PLANTA
SINALIZAÇÃO CAIXA DE CORREIO



VISTA LATERAL
SINALIZAÇÃO CAIXA DE CORREIO



SÍMBOLOS INTERNACIONAIS

ITEM 5.3
(PÁGINA 38 - NBR 9050/2015)

Pessoas com deficiência física



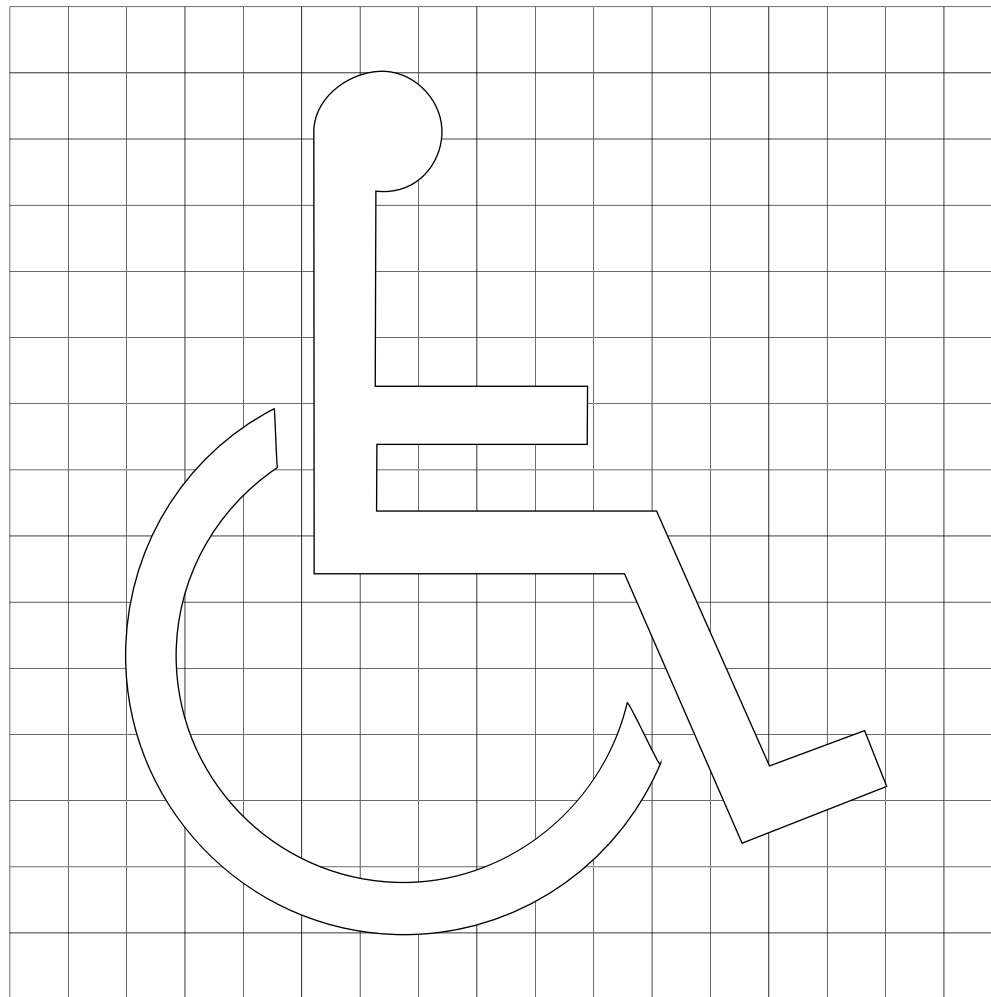
Branco sobre
fundo azul



Branco sobre
fundo preto



Preto sobre
fundo branco



Proporções



SÍMBOLOS INTERNACIONAIS

ITEM 5.3
(PÁGINA 38 - NBR 9050/2015)

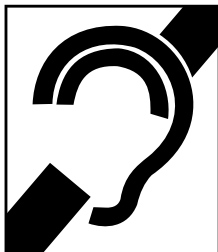
Pessoas com deficiência auditiva (surdez)



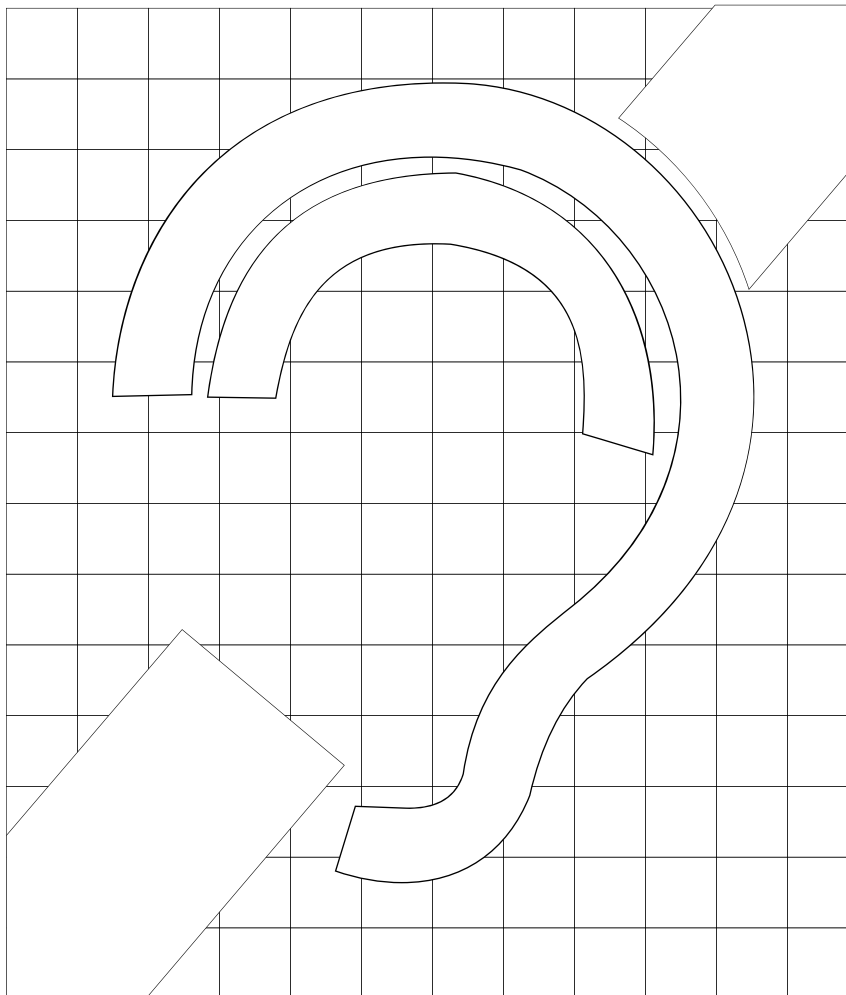
Branco sobre
fundo azul



Branco sobre
fundo preto



Preto sobre
fundo branco



Proporções



SÍMBOLOS INTERNACIONAIS

ITEM 5.3
(PÁGINA 38 - NBR 9050/2015)

Pessoas com deficiência visual



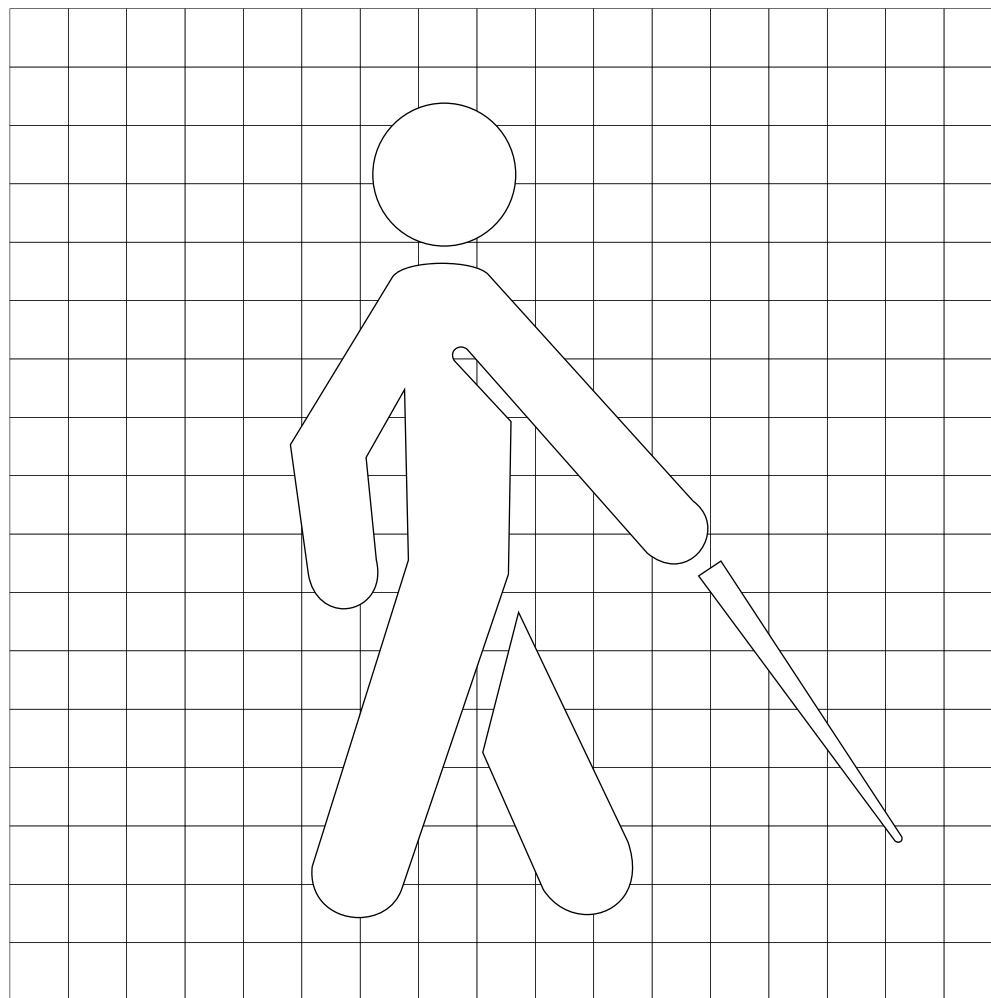
Branco sobre
fundo azul



Branco sobre
fundo preto



Preto sobre
fundo branco

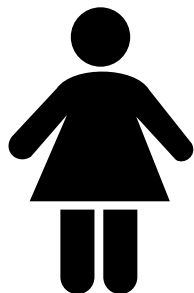


Proporções



SINALIZAÇÃO

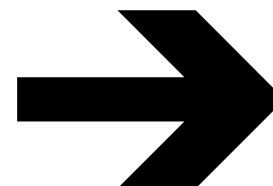
ITEM 5.3
(PÁGINA 38 - NBR 9050/2015)



Sanitário feminino acessível



Sanitário masculino acessível



Sinalização direcional de sanitário feminino acessível à direita - Exemplo

COMO SE COMPORTAR DIANTE DE UMA PESSOA QUE:

USA CADEIRA DE RODAS

Nunca se apóie na cadeira de rodas. Ela é como uma extensão do corpo da pessoa.

Se quiser oferecer ajuda, pergunte antes, e de forma alguma insista.

Ajuda aceita, deixe que a pessoa diga como proceder.

Se a conversa for demorar, sente-se, ficando sempre no mesmo nível do olhar do usuário da cadeira de rodas.

Nunca estacione seu automóvel em frente a rampas ou em locais reservados às pessoas com deficiência. Esses lugares existem por necessidade e não por conveniência.

Não tema em falar as palavras correr ou caminhar. As pessoas com deficiência também as usam.

Para evitar que a pessoa perca o equilíbrio e caia para frente, use sempre a "marcha ré" para descer rampas ou degraus.

USA MULETAS

Não tenha pressa. Acompanhe o ritmo da marcha de seu usuário.

Tome cuidado para não tropeçar nas muletas.

As muletas devem ficar sempre ao alcance das mãos.

Antes de ajudar, pergunte à pessoa se ela quer realmente a ajuda.

TEM DEFICIENCIA VISUAL

Se notar que a pessoa precisa de ajuda, prontifique-se. Peça explicações à pessoa cega de como ela quer ser ajudada.

Nunca a agarre pelo braço. Para guiar uma pessoa cega ofereça seu antebraço para que ela segure. Oriente-a para obstáculos como meios-fios, degraus, buracos e outros.

Evite deixar o cego falando sozinho. Ao sair de um ambiente, avise-o.

Não receie ao falar palavras como, cego, olhar ou ver. Os cegos também às usam.

Para explicar direções seja o mais claro possível. Informe sobre obstáculos pela frente, e indique as distâncias em metros.

Não tenha vergonha. Se você não sabe como direcionar a pessoa, seja franco. Pergunte de que maneira deve descrever as coisas.

Ao guiar um cego para uma cadeira, direcione suas mãos por trás do encosto. Informe ainda se ela tem braços ou não.

Se no restaurante não houver cardápio em braile, é de boa educação que você o leia e informe os preços.

Pessoas com visão subnormal (sérias dificuldades visuais) devem receber o mesmo tratamento. Ofereça sua ajuda sempre que notar que ela está em dificuldade

TEM PARALISIA CEREBRAL

A pessoa com paralisia cerebral é inteligente e sensível, ela reconhece que é diferente dos outros. Se você seguir seu ritmo poderá ajudá-la. Se não compreender o que ela disse, peça que repita.

A paralisia cerebral causa gestos faciais involuntários, o andar é com dificuldade, e em alguns casos a pessoa não anda.

Não confunda com deficiência mental. A paralisia cerebral afeta somente o aparelho motor, responsável pelo controle dos movimentos do corpo.

Não se deixe impressionar por seu aspecto, aja de forma natural. Como qualquer pessoa ela merece respeito.

TEM DEFICIENCIA MENTAL

Cumprimente-a normalmente. Geralmente a pessoa com deficiência mental é carinhosa, disposta e comunicativa.

Dê-lhe atenção. Expresse alegria em encontrá-la e mantenha a conversa até onde for possível.

Evite a superproteção. Ajude somente quando for necessário. Ela deve tentar fazer tudo sozinha.

A deficiência mental não é uma doença. Pode ser uma consequência de alguma doença, assim, não use palavras como "doentinho" ou "bobinho" quando se referir a uma pessoa nessas

condições.

Trate as pessoas com deficiência mental de acordo com sua idade. Se for criança trate-a como criança, se for um adolescente ou adulto, trate-a como tal.

TEM DEFICIENCIA AUDITIVA

Fale claramente em velocidade normal, de frente para o surdo, tomando cuidado para que ele enxergue a tua boca.

Não grite, fale com o tom de voz normal, a não ser que lhe peçam para levantar a voz.

Seja expressivo. Os surdos não podem ouvir as mudanças sutis do tom de sua voz indicando sarcasmo ou seriedade.

Se um surdo estiver acompanhado de intérprete, fale diretamente a pessoa surda, não à intérprete.

Ao conversar com uma pessoa surda, mantenha contato visual, se você dispersar o seu olhar, ela pensará que a conversa acabou.

Se você quiser falar com um surdo, chame sua atenção, sinalizando ou tocando-lhe no braço.

Se você não entender o que um surdo esta falando, peça que repita. Se mesmo assim não conseguir entender, peça que escreva.

O importante é comunicar-se.

Eles só saberão "ler" suas expressões faciais, seus gestos ou movimentos de seu corpo para entender o que você quer comunicar.

Ao planejar um evento, utilize os avisos visuais. Se for exibir um filme, providencie um script ou um resumo do filme, se não tiver legendas.

Fonte:

Manual para Inclusão Social das Pessoas Portadoras de Deficiência

Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE.

LEI Nº 12.617, DE 17 DE JANEIRO DE 2017.

DISPÕE SOBRE A ESTRUTURA ADMINISTRATIVA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO, E REVOGA A LEI DELEGADA Nº 38, DE 5 DE JUNHO DE 2009, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

SEÇÃO XV

DA DIRETORIA DE ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE REDUZIDA

Art. 47. A Diretoria de Acessibilidade e Mobilidade Reduzida tem por finalidade participar do desenvolvimento de projetos urbanísticos de reestruturação da mobilidade nos espaços urbanos públicos, dentro dos conceitos do desenho universal e orientar os projetos de edificações públicas e particulares quanto à acessibilidade, conforme a legislação vigente.

SUBSEÇÃO I

DO DIRETOR DE ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE REDUZIDA

Art. 48. Compete ao Diretor de Acessibilidade e Mobilidade Reduzida participar do desenvolvimento de projetos urbanísticos de reestruturação da mobilidade urbana, em consonância com os demais órgãos afins e de acordo com as normas vigentes.

- I - empreender esforços visando tornar os espaços urbanos e vias da cidade caminháveis para as pessoas com mobilidade reduzida;
- II - acompanhar os projetos dos corredores de transporte Acoletivo e demais projetos de estruturação urbana, visando implantar a acessibilidade universal;
- III - estabelecer e manter relações de parcerias com os órgãos e pessoas jurídicas do Município, de outras esferas de governo;
- IV - apoiar as ações voltadas aos movimentos associativos de pessoas com deficiência;
- V - participar da Comissão Técnica de Estruturação Urbana;
- VI - desenvolver outras atividades afins, no âmbito de sua competência.

SUBSEÇÃO II

DO ASSISTENTE TÉCNICO DE ACESSIBILIDADE

Art. 49. Compete ao Assistente de Atendimento Técnico:

- I - executar tarefas de apoio administrativo à Diretoria e Núcleos;
- II - organizar e manter atualizados os documentos normativos pertinentes à Diretoria;
- III - operar microcomputador, utilizando programas básicos e aplicativos, para incluir, alterar, obter dados e informações, bem como consultar registros;
- IV - receber e distribuir material solicitado pela Diretoria, guardando-os em perfeita ordem e providenciar sua reposição quando necessário;
- V - providenciar materiais e equipamentos junto à Assessoria Financeira, para suprir às necessidades das Diretorias e Núcleos;
- VI - controlar o registro de frequência dos servidores das Diretorias, informando por meio de relatório mensal à Assessoria Administrativa da Secretaria;
- VII - participar das reuniões, quando solicitado, e elaborar as respectivas atas;
- VIII - elaborar ou colaborar na emissão de relatórios parciais e anuais, quadros demonstrativos das atividades das Diretorias e seus respectivos Núcleos;
- IX - examinar a exatidão de documentos, conferindo, efetuando registros, observando prazos e datas, informando sobre o andamento de assuntos pendentes na Secretaria e seus respectivos Núcleos;
- X - zelar pelos equipamentos sob sua guarda, comunicando à Diretoria a necessidade de consertos e reparos;
- XI - fiscalizar a entrada e saída de mobiliários e equipamentos das Diretorias para controle do patrimônio da sua responsabilidade;
- XII - acompanhar o protocolo de documentos, processos e expedientes até o final de sua tramitação;
- XIII - executar outras atividades correlatas.

SEÇÃO XVI

DO NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE

Art. 50. O Núcleo de Acessibilidade tem como finalidade orientar, analisar e fiscalizar projetos de edificações públicas e particulares, quanto ao aspecto de acessibilidade, para pessoas com mobilidade reduzida.

SUBSEÇÃO ÚNICA

DO COORDENADOR DO NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE

Art. 51. Compete ao Coordenador do Núcleo de Acessibilidade:

- I - elaborar, apreciar e analisar projetos de edificações e equipamentos públicos quanto à acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida;
- II - estudar e apresentar propostas de ação e de regulamentação quanto à acessibilidade das pessoas com mobilidade reduzida;
- III - promover a formação da consciência profissional quanto à acessibilidade;
- IV - executar outras atividades correlatas.

SEÇÃO XVII

DO NÚCLEO DE FISCALIZAÇÃO DE ACESSIBILIDADE

Art. 52. O Núcleo de Fiscalização de Acessibilidade tem como finalidade orientar, analisar e fiscalizar projetos de edificações públicas e particulares, quanto ao aspecto de acessibilidade, visando atender as pessoas com mobilidade reduzida.

SUBSEÇÃO I

DO COORDENADOR DO NÚCLEO DE FISCALIZAÇÃO DE ACESSIBILIDADE

Art. 53. Compete ao Coordenador do Núcleo Fiscalização e Acessibilidade:

- I - elaborar, apreciar e analisar projetos de edificações e equipamentos públicos quanto à acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida;
- II - estudar e apresentar propostas de ação e de regulamentação quanto à acessibilidade das pessoas com mobilidade reduzida;
- III - fiscalizar as edificações destinadas aos serviços públicos, ambientes públicos, logradouros e demais equipamentos públicos, garantindo a acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida ou limitações físicas;
- IV - vistoriar quanto à acessibilidade, os imóveis a serem alugados pelo Município;
- V - executar outras atividades correlatas.

SUBSEÇÃO II

DO ENCARREGADO DE FISCALIZAÇÃO DE ACESSIBILIDADE

Art. 54. Compete ao Encarregado de Fiscalização de Acessibilidade:

- I - fiscalizar estabelecimentos, conforme a legislação de acessibilidade;
- II - recomendar a interdição/suspensão de alvarás de estabelecimentos e imóveis considerados infratores à legislação de acessibilidade;
- III - providenciar a execução de procedimentos necessários à regularização de estabelecimentos e imóveis considerados infratores à legislação, tais como notificações, multas, embargos, interdições e demolições, dentre outros;
- IV - exercer outras atividades correlatas.

Uberlândia, 17 de janeiro de 2017.

Odeldo Leão

Prefeito

PGMNº4/2017

LEI Nº 10.686, DE 20 DE DEZEMBRO DE 2010.

ESTABELECE AS DIRETRIZES DO SISTEMA VIÁRIO DO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA, REVOGA OS DISPOSITIVOS LEGAIS QUE MENCIONA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

CAPÍTULO II DAS DEFINIÇÕES

Art. 5º Para os efeitos de interpretação e aplicação desta Lei, adotam-se os conceitos e definições:

I - ACESSIBILIDADE - consiste na facilidade de acesso e uso de ambientes, produtos e serviços por qualquer pessoa e em diferentes contextos;

II - ACESSO - permite a interligação para veículos e pedestres entre logradouros públicos e propriedades públicas e privadas;

III - ANEL VIÁRIO - via que se caracteriza por circundar a malha urbana, possibilitando o tráfego de veículos de passagem sem adentrar a área central da cidade;

IV - CALÇADA - parte do logradouro, normalmente segregada e em nível diferente, destinada ao trânsito de pedestres e à implantação de mobiliário urbano, sinalização, vegetação e outros fins, composta de faixa de circulação e faixa de serviço;

V - CANTEIRO CENTRAL - espaço compreendido entre os bordos internos das pistas de rolamento, objetivando separá-las física, operacional e esteticamente;

VI - CICLOFAIXAS - parte da pista de rolamento destinada à circulação exclusiva de ciclos, delimitada por sinalização específica;

VII - CICLOVIAS - pista própria destinada à circulação de ciclos, separada fisicamente do tráfego comum;

VIII - CONFRONTANTE - área que fica na divisa ou frente a frente de outras áreas e do sistema viário;

IX - CUL-DE-SAC - espaço para retorno de veículos ao final de uma rua sem saída;

X - ESTRADAS ALIMENTADORAS ou VICINAIS - estradas principais de acesso às regiões de produção agrícola e demais atividades econômicas localizadas fora da zona urbana;

XI - ESTRADAS DE PENETRAÇÃO OU CORREDORES - vias secundárias de acesso a uma ou mais propriedades ou estabelecimentos;

XII - FAIXA DE CIRCULAÇÃO - parte da calçada destinada exclusivamente à livre circulação de pedestres;

XIII - FAIXA DE DOMÍNIO - superfície lindeira às rodovias e anel viário, delimitada por lei específica e sob responsabilidade do órgão ou entidade de trânsito competente com circunscrição sobre a via;

XIV - FAIXA PARA TRAVESSIA DE PEDESTRE - sinalização transversal às pistas de rolamento de veículos, destinada a ordenar e indicar os deslocamentos dos pedestres para a travessia da via;

XV - FAIXA DE SERVIÇO - parte da calçada, preferencialmente permeável, adjacente ao meio-fio destinada à locação de mobiliários e equipamentos urbanos e de infraestrutura, vegetação, postes de sinalização, grelhas, rebaixo de meio-fio para acesso de veículos aos

imóveis, lixeiras, postes de iluminação e eletricidade, tampas de inspeção e outros correlatos;

XVI - ILHA - obstáculo físico, inserido na pista de rolamento, destinado à ordenação dos fluxos de trânsito em uma interseção;

XVII - IMPEDÂNCIA - elementos ou condições que possam interferir no fluxo de pedestres, tais como: mobiliário urbano, entradas de edificações e vitrines junto ao alinhamento, vegetação e postes de sinalização;

XVIII - INTERSEÇÃO - todo cruzamento em nível, entroncamento ou bifurcação;

XIX - LOGRADOURO - espaço livre, destinado à circulação pública de veículos e de pedestres, reconhecido pela municipalidade, que lhe confere denominação oficial; são as ruas, travessas, becos, avenidas, praças e pontes;

XX - MOBILIDADE URBANA - é o atributo das cidades que se refere à facilidade de deslocamento de pessoas e bens no espaço urbano, tanto por meios motorizados quanto não motorizados;

XXI - PASSEIO - parte da calçada destinada a circulação de pedestres;

XXII - PISO TÁTIL - piso caracterizado pela diferenciação de textura em relação ao piso adjacente, destinado a constituir alerta ou linha guia, perceptível por pessoas com deficiência visual;

XXIII - PROJEÇÃO DE ALARGAMENTO - projetos de alargamento de via para melhoria de circulação;

XXIV - RAMPA - inclinação da superfície de piso, longitudinal ao sentido de caminamento;

XXV - REMANESCENTE VIÁRIO - sobra de área do sistema viário;

XXVI - RODOVIA - estrada que converge para a malha urbana e permite conectar o Município com outras cidades ou regiões;

XXVII - ROTATÓRIA - tratamento viário que organiza a trajetória dos veículos e que induz à diminuição da velocidade em cruzamentos;

XXVIII - ROTAS URBANAS DE CARGA - são vias, rodovias e anel viário inseridos na malha urbana para fins de circulação de veículos de carga;

XXIX - SEPARADOR FÍSICO - elemento que delimita o uso de determinada área;

XXX - SEÇÃO TRANSVERSAL FINAL - largura total da via incluindo pista de rolamento, calçadas, ciclovias e canteiros centrais;

XXXI - SISTEMA VIÁRIO - conjunto de vias de forma hierarquizada e articulada;

XXXII - TRINCHEIRA - obra de construção civil destina a servir de passagem sob um determinado local;

XXXIII - VIA - superfície por onde transitam veículos, pessoas e animais, compreendendo a pista, a calçada, o acostamento, ilha e canteiro central;

XXXIV - VIA ARTERIAL - via caracterizada por interseções em nível, geralmente controlada por semáforo, com acessibilidade aos lotes lindeiros e às vias locais, possibilitando o trânsito entre as regiões da cidade;

XXXV - VIA COLETORA - via que coleta e distribui o tráfego oriundo de vias locais, permitindo também os itinerários de transporte coletivo dentro, preferencialmente, de cada bairro;

XXXVI - VIA DE SERVIÇO - via destinada ao trânsito de veículos de cargas na distribuição de mercadorias e produtos;

XXXVII - VIA DE TRANSPOSIÇÃO - via que permite o tráfego de passagem na área central e que opera, geralmente, em binários;

XXXVIII - VIA ESTRUTURAL - via que constitui a ossatura principal do Sistema Viário, dando suporte ao transporte coletivo urbano.

XXXIX - VIA LOCAL - via que dá suporte ao tráfego local;

XL - VIA MARGINAL - via implantada às margens das rodovias, anel viário, ferrovias, cursos d'água, permitindo a circulação e acesso às edificações lindeiras, sem prejudicar a fluidez e segurança das rodovias;

XLI - VIA PARA PEDESTRES - via que destina-se à circulação de pedestres, permitindo a circulação de veículos com acesso controlado, quando necessário.

XLII - VIADUTO - obra de construção civil destina a transpor uma depressão de terreno ou servir de passagem superior.

Parágrafo Único - Para efeito de complementação, serão consideradas as definições e conceitos da Lei de Parcelamento e Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo do Município de Uberlândia.

CAPÍTULO V DAS CALÇADAS

Art. 14. As Calçadas Públicas serão compostas de faixa de circulação e faixa de serviço, conforme Anexo III.

Art. 15. A faixa de circulação destina-se exclusivamente ao trânsito de pedestres, não podendo ser atribuído outro uso, mesmo que temporário, e deverá ter inclinação transversal máxima de 2% (dois por cento), ter permanente manutenção, superfície regular, firme, estável e antiderrapante, sob qualquer condição, e deverá evitar trepidação que prejudique a livre circulação.

§ 1º Consideram-se materiais adequados para acabamento de faixas de circulação:

- a) cimentado áspero;
- b) cimentado estampado;
- c) ladrilho hidráulico;
- d) bloco intertravado;
- e) placa pré-moldada de concreto.

§ 2º Quando o acabamento for executado por assentamento de peças com existência de juntas, como blocos intertravados, placas de concreto, ou quando o processo executivo necessitar ou se caracterizar por ranhura ou sulcos na superfície, como concreto estampado, as juntas, ranhuras ou sulcos não poderão ter espessuras e profundidades superiores a 5 mm (cinco milímetros).

§ 3º A faixa de circulação deve ser completamente desobstruída e isenta de interferências, tais como vegetação, mobiliário urbano, equipamentos de infraestrutura urbana aflorados (postes, armários de equipamentos, e outros), orlas de árvores e jardineiras, rebaixamentos para acesso de veículos, bem como qualquer outro tipo de interferência ou obstáculo que reduza a largura da faixa livre. Eventuais obstáculos aéreos, tais como marquises, faixas e placas de identificação, toldos, luminosos, vegetação e outros, devem

se localizar a uma altura superior a 2,50 m (dois metros e cinquenta centímetros).

§ 4º São vedados os usos dos seguintes materiais na faixa de circulação: pintura resinada, ardósia, granito polido, mármore, marmorite, pastilhas, cerâmica lisa e cimento liso.

Art. 16. A faixa de serviço, conforme sua definição, deverá ser contígua ao meio-fio para uso específico de infraestrutura, instalação de mobiliário urbano e arborização.

Art. 17. A execução ou reforma de calçadas públicas em edificações tombadas deverão passar por aprovação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural - COMPHAC e da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Art. 18. As calçadas existentes, com largura inferior a 2,00 m (dois metros), quando reformadas, deverão prever faixa de serviço de, no mínimo, 0,55 m (cinquenta e cinco centímetros) e o restante como faixa de circulação de, no mínimo, 1,20 m (um metro e vinte centímetros), conforme Anexo III.

Parágrafo Único - Quando da reforma das calçadas, deverão ser utilizados os materiais sugeridos no Art.15, § 1º, a partir da vigência desta lei.

Art. 19. No planejamento e execução das calçadas nas vias públicas, bem como na reforma das já existentes, deverão ser cumpridas as exigências dispostas nesta Lei e na Norma Brasileira de Acessibilidade NBR 9050/2004 ou norma posterior que lhe altere.

Parágrafo Único - Incluem-se na condição estabelecida no caput deste artigo:

I - a construção de calçadas para circulação de pedestres tendo faixas recobertas com pisos táteis cromodiferenciados com indicação de piso alerta e piso guia para deficientes visuais;

II - as faixas de travessia em segurança devem atender obrigatoriamente a norma técnica de acessibilidade NBR 9050/2004 ou posterior que lhe altere, e vir seguidas de rampas contínuas ou "traffic calm".

Art. 20. É vedada a abertura de portas, portões e grades, com ocupação parcial ou total da calçada, independente da forma de acionamento.

§ 1º Os portões com abertura basculante instalados no alinhamento das divisas com as vias públicas somente poderão ter abertura com a sua aresta inferior basculando para dentro.

§ 2º Somente será permitido portão com abertura para fora quando a projeção do portão aberto estiver totalmente dentro do limite do lote.

§ 3º A altura mínima da parte projetada sobre a calçada é de 2,40 m (dois metros e quarenta centímetros).

Art. 21. Nos empreendimentos caracterizados como condomínios ou loteamentos fechados de qualquer natureza, as calçadas das vias de acesso ao empreendimento deverão ser contínuas, inclusive naquelas onde forem implantados os acessos de veículos, conforme Anexo IV.

Parágrafo Único - Nestes casos, o rebaixamento da calçada pública para acesso de veículos deverá ser implantado tanto na faixa de serviço quanto no alinhamento do imóvel, na parte interna do lote, conforme Anexo IV.

Art. 22. Para a elaboração de projetos de novos loteamentos, deverão ser adotados critérios geométricos na definição do traçado viário, de tal forma que a inclinação

longitudinal máxima das calçadas não ultrapasse 8,33% (oito, vírgula, trinta e três por cento).

Parágrafo Único - Na impossibilidade de adoção da inclinação especificada no caput deste artigo, a inclinação longitudinal admissível é de 14% (quatorze por cento), com construção de patamares nivelados de descanso a cada 10,00 m (dez metros), na largura da faixa de circulação e com comprimento mínimo de 1,20 m (um metro e vinte centímetros).

Art. 23. A implantação do rebaixamento de meio-fio e execução de rampa de acesso de veículos somente serão permitidas dentro da faixa de serviço.

Parágrafo Único - Para estabelecimentos de grande porte e com fluxo intenso de entrada e saída de veículos motorizados, como postos de abastecimento de combustíveis, supermercados, shopping-centers, garagem e edifícios-garagem, deverá ser apresentado projeto de circulação de veículos e pedestres, com a indicação dos locais de acesso de pedestres separado dos acessos de veículos, locais de entrada e saída, sinalização vertical e horizontal e sinalização de luzes intermitentes no alinhamento do imóvel, devendo ser aprovado pelos órgãos responsáveis pelo planejamento urbano e trânsito e transportes.

Art. 24. Toda obra, licenciada ou não que no decorrer de sua execução apresentar irregularidades ou infringir as disposições deste capítulo, estará sujeita às penalidades previstas no Código de Obras Municipal vigente.

CONCEITO DE ACESSIBILIDADE:

O conceito de acessibilidade define como a condição de oferecer à todas as pessoas, independente de sua condição, acesso, permanência, uso e consumo a todos os bens, equipamentos, espaços, tecnologias e serviços de forma autônoma, livre e inclusiva.

CONCEITO DE DESENHO UNIVERSAL:

Forma de conceber produtos, sistemas e meios de comunicação, serviços e ambientes para serem utilizados por todas as pessoas, o maior tempo possível, sem a necessidade de adaptação, beneficiando pessoas de todas as idades e capacidades. Seu conceito tem como pressupostos: equiparação nas possibilidades de uso, flexibilidade no uso, uso simples e intuitivo, captação da informação, tolerância ao erro, dimensão e espaço para uso e interação.

Diretrizes de Acessibilidade para Loteamentos/Desmembramento de Áreas não Parceladas

Fragmento da Norma Brasileira 9050/2015

6.12 Circulação externa

Calçadas e vias exclusivas de pedestres devem ter piso conforme 6.3 e garantir uma faixa livre (passeio) para a circulação de pedestres sem degraus.

6.12.1 Inclinação transversal

A inclinação transversal da faixa livre (passeio) das calçadas ou das vias exclusivas de pedestres não pode ser superior a 3 %. Eventuais ajustes de soleira devem ser executados sempre dentro dos lotes ou, em calçadas existentes com mais de 2,00 m de largura, podem ser executados nas faixas de acesso (6.12.3).

6.12.2 Inclinação longitudinal

A inclinação longitudinal da faixa livre (passeio) das calçadas ou das vias exclusivas de pedestres deve sempre acompanhar a inclinação das vias lindeiras.

6.12.3 Dimensões mínimas da calçada

A largura da calçada pode ser dividida em três faixas de uso, conforme definido a seguir e demonstrado pela Figura 88:

- a) faixa de serviço: serve para acomodar o mobiliário, os canteiros, as árvores e os postes de iluminação ou sinalização. Nas calçadas a serem construídas, recomenda-se reservar uma faixa de serviço com largura mínima de 0,70 m;
- b) faixa livre ou passeio: destina-se exclusivamente à circulação de pedestres, deve ser livre de qualquer obstáculo, ter inclinação transversal até 3 %, ser contínua entre lotes e ter no mínimo 1,20 m de largura e 2,10 m de altura livre;
- c) faixa de acesso: consiste no espaço de passagem da área pública para o lote. Esta faixa

é possível apenas em calçadas com largura superior a 2,00 m. Serve para acomodar a rampa de acesso aos lotes lindeiros sob autorização do município para edificações já construídas.

6.12.4 Acesso do veículo ao lote

O acesso de veículos aos lotes e seus espaços de circulação e estacionamento deve ser feito de forma a não interferir na faixa livre de circulação de pedestres, sem criar degraus ou desníveis, conforme exemplo da Figura 89. Nas faixas de serviço e de acesso é permitida a existência de rampas.

6.12.6 Dimensionamento das faixas livres

Admite-se que a faixa livre possa absorver com conforto um fluxo de tráfego de 25 pedestres por minuto, em ambos os sentidos, a cada metro de largura. Para determinação da largura da faixa livre em função do fluxo de pedestres, utiliza-se a seguinte equação:

$$L \geq \frac{F}{K}$$

onde

$$L \geq$$

onde L é a largura da faixa livre;

F é a largura necessária para absorver o fluxo de pedestres estimado ou medido nos horários de pico, considerando o nível de conforto de 25 pedestres por minuto

a cada metro de largura;
K = 25 pedestres por minuto;
Si é o somatório dos valores adicionais relativos aos fatores de impedância.
Os valores adicionais relativos aos fatores de impedância (i) são:

- a) 0,45 m junto às vitrines ou comércio no alinhamento;
- b) 0,25 m junto ao mobiliário urbano;
- c) 0,25 m junto à entrada de edificações no alinhamento.

6.12.7 Travessia de pedestres em vias públicas ou em áreas internas de edificações ou espaços de uso coletivo e privado;

As travessias de pedestres nas vias públicas ou em áreas internas de edificações ou espaços de uso coletivo e privativo, com circulação de veículos, podem ser com redução de percurso, com faixa elevada ou com rebaixamento da calçada.

6.12.7.1 Redução do percurso da travessia

Para redução do percurso da travessia, é recomendado o alargamento da calçada, em ambos os lados ou não, sobre o leito carroçável, conforme Figura 91. Esta configuração proporciona conforto e segurança e pode ser aplicada tanto para faixa elevada como para rebaixamento de calçada, próximo das esquinas ou no meio de quadra.

6.12.7.2 Faixa elevada para travessia

A faixa elevada, exemplificada na Figura 92, quando instalada, deve atender à legislação específica (ver [17] da Bibliografia).

6.12.7.3 Rebaixamento de calçadas

Os rebaixamentos de calçadas devem ser construídos na direção do fluxo da travessia de pedestres.

A inclinação deve ser constante e não superior a 8,33 % (1:12) no sentido longitudinal da rampa central e na rampa das abas laterais. A largura mínima do rebaixamento é de 1,50 m. O rebaixamento não pode diminuir a faixa livre de circulação, de no mínimo 1,20 m, da calçada, conforme Figura 93.

6.12.7.3.1 Não pode haver desnível entre o término do rebaixamento da calçada e o leito carroçável.

Em vias com inclinação transversal do leito carroçável superior a 5 %, deve ser implantada uma faixa de acomodação de 0,45 m a 0,60 m de largura ao longo da aresta de encontro dos dois planos inclinados em toda a largura do rebaixamento, conforme Figura 94.

6.12.7.3.2 A largura da rampa central dos rebaixamentos deve ser de no mínimo 1,50 m. Recomenda-se, sempre que possível, que a largura seja igual ao comprimento das faixas de travessia de pedestres.

Os rebaixamentos em ambos os lados devem ser alinhados entre si.

6.12.7.3.3 O rebaixamento da calçada também pode ser executado entre canteiros, desde que respeitados o mínimo de 1,50 m de altura e a declividade de 8,33 %. A largura do rebaixamento deve ser igual ao comprimento da faixa de pedestres, conforme Figura 95.

6.12.7.3.4 Em calçada estreita, onde a largura do passeio não for suficiente para

acomodar o rebaixamento e a faixa livre com largura de no mínimo 1,20 m, deve ser implantada a redução do percurso da travessia conforme 6.12.7.1, ou ser implantada a faixa elevada para travessia conforme 6.12.7.2, ou ainda, pode ser feito o rebaixamento total da largura da calçada, com largura mínima de 1,50 m e com rampas laterais com inclinação máxima de 5 % (1:20), conforme Figura 96.

6.12.7.3.5 Em canteiro divisor de pistas, deve ser garantido rebaixamento do canteiro com largura igual à da faixa de travessia ou ser adotada a faixa elevada.

6.12.8 Sinalização da travessia

As travessias devem ser sinalizadas conforme Seção 5 e Norma específica.

LEI Nº 10.741, DE 6 DE ABRIL DE 2011

INSTITUI O CÓDIGO MUNICIPAL DE POSTURAS DE UBERLÂNDIA E REVOGA A LEI Nº 4744, DE 05 DE JULHO DE 1988 E SUAS ALTERAÇÕES.

CAPÍTULO III DA UTILIZAÇÃO DAS VIAS PÚBLICAS E LOGRADOUROS PÚBLICOS

SEÇÃO I DA OCUPAÇÃO DAS CALÇADAS PÚBLICAS

Art. 55. A Secretaria Municipal de Serviços Urbanos poderá permitir a ocupação de passeios públicos com mesas, cadeiras ou outros objetos, obedecidas as seguintes exigências:

...
III - deverá respeitar uma faixa de circulação com pelo menos 1,20m (um metro e vinte), para trânsito de pedestres;

IV - as mesas, cadeiras e outros objetos, deverão ficar posicionados de forma perpendicular ao longo da parede do imóvel;

...
§ 1º A área destinada à colocação de mesas e cadeiras e outros objetos, deverá ser demarcada, separando-a da faixa de circulação para pedestres, por uma faixa colada ou pintada na cor amarela, com largura entre 4 (quatro) e 5 (cinco) centímetros.

...
§ 4º As mesas e cadeiras utilizadas por bares, restaurantes e congêneres, devidamente autorizadas, somente poderão ser colocadas na calçada a partir das 18:30 horas.

...
Art. 57. A colocação de mesas e cadeiras ou outros objetos não poderá importar em:
I - impedimento ou limitação ao trânsito de pedestres, ao acesso de veículos e à visibilidade dos motoristas, sobretudo em esquinas;

DECRETO Nº 5.296 DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004.

Regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto nas Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000,

DECRETA: CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta as Leis nºs 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Ficam sujeitos ao cumprimento das disposições deste Decreto, sempre que houver interação com a matéria nele regulamentada:

I - a aprovação de projeto de natureza arquitetônica e urbanística, de comunicação e informação, de transporte coletivo, bem como a execução de qualquer tipo de obra, quando tenham destinação pública ou coletiva;

II - a outorga de concessão, permissão, autorização ou habilitação de qualquer natureza;

III - a aprovação de financiamento de projetos com a utilização de recursos públicos, dentre eles os projetos de natureza arquitetônica e urbanística, os tocantes à comunicação e

informação e os referentes ao transporte coletivo, por meio de qualquer instrumento, tais como convênio, acordo, ajuste, contrato ou similar; e

IV - a concessão de aval da União na obtenção de empréstimos e financiamentos internacionais por entes públicos ou privados.

Art. 3º Serão aplicadas sanções administrativas, cíveis e penais cabíveis, previstas em lei, quando não forem observadas as normas deste Decreto.

Art. 4º O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, os Conselhos Estaduais, Municipais e do Distrito Federal, e as organizações representativas de pessoas portadoras de deficiência terão legitimidade para acompanhar e sugerir medidas para o cumprimento dos requisitos estabelecidos neste Decreto.

CAPÍTULO II DO ATENDIMENTO PRIORITÁRIO

Art. 5º Os órgãos da administração pública direta, indireta e fundacional, as empresas prestadoras de serviços públicos e as instituições financeiras deverão dispensar atendimento prioritário às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 1º Considera-se, para os efeitos deste Decreto:

I - pessoa portadora de deficiência, além daquelas previstas na Lei nº 10.690, de 16 de junho de 2003, a que possui limitação ou incapacidade para o desempenho de atividade e se enquadra nas seguintes categorias:

a) deficiência física: alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplesia, triparresia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções;

b) deficiência auditiva: perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz;

c) deficiência visual: cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores;

d) deficiência mental: funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como:

1. comunicação;
2. cuidado pessoal;
3. habilidades sociais;
4. utilização dos recursos da comunidade;
5. saúde e segurança;
6. habilidades acadêmicas;
7. lazer; e
8. trabalho;

e) deficiência múltipla - associação de duas ou mais deficiências;

II - pessoa com mobilidade reduzida, aquela que, não se enquadrando no conceito de pessoa portadora de deficiência, tenha, por qualquer motivo, dificuldade de movimentar-se, permanente ou temporariamente, gerando redução efetiva da mobilidade, flexibilidade, coordenação motora e percepção.

§ 2º O disposto no caput aplica-se, ainda, às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, gestantes, lactantes e pessoas com criança de colo.

§ 3º O acesso prioritário às edificações e serviços das instituições financeiras deve seguir os preceitos estabelecidos neste Decreto e nas normas técnicas de acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, no que não conflitem com a Lei no 7.102, de 20 de junho de 1983, observando, ainda, a Resolução do Conselho Monetário Nacional no 2.878, de 26 de julho de 2001.

Art. 6º O atendimento prioritário compreende tratamento diferenciado e atendimento imediato às pessoas de que trata o art. 5º.

§ 1º O tratamento diferenciado inclui, dentre outros:

- I - assentos de uso preferencial sinalizados, espaços e instalações acessíveis;
- II - mobiliário de recepção e atendimento obrigatoriamente adaptado à altura e à condição física de pessoas em cadeira de rodas, conforme estabelecido nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT;
- III - serviços de atendimento para pessoas com deficiência auditiva, prestado por intérpretes ou pessoas capacitadas em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e no trato com aquelas que não se comuniquem em LIBRAS, e para pessoas surdocegas, prestado por guias-intérpretes ou pessoas capacitadas neste tipo de atendimento;
- IV - pessoal capacitado para prestar atendimento às pessoas com deficiência visual, mental e múltipla, bem como às pessoas idosas;
- V - disponibilidade de área especial para embarque e desembarque de pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;
- VI - sinalização ambiental para orientação das pessoas referidas no art. 5º;
- VII - divulgação, em lugar visível, do direito de atendimento prioritário das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida;
- VIII - admissão de entrada e permanência de cão-guia ou cão-guia de acompanhamento junto de pessoa portadora de deficiência ou de treinador nos locais dispostos no caput do art. 5º, bem como nas demais edificações de uso público e naquelas de uso coletivo, mediante apresentação da carteira de vacina atualizada do animal;
- IX - a existência de local de atendimento específico para as pessoas referidas no art. 5º.

§ 2º Entende-se por imediato o atendimento prestado às pessoas referidas no art. 5º, antes de qualquer outra, depois de concluído o atendimento que estiver em andamento, observado o disposto no inciso I do parágrafo único do art. 3º da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso).

§ 3º Nos serviços de emergência dos estabelecimentos públicos e privados de atendimento à saúde, a prioridade conferida por este Decreto fica condicionada à avaliação médica em face da gravidade dos casos a atender.

§ 4º Os órgãos, empresas e instituições referidos no caput do art. 5º devem possuir, pelo menos, um telefone de atendimento adaptado para comunicação com e por pessoas portadoras de deficiência auditiva.

Art. 7º O atendimento prioritário no âmbito da administração pública federal direta e indireta, bem como das empresas prestadoras de serviços públicos, obedecerá às disposições deste Decreto, além do que estabelece o Decreto nº 3.507, de 13 de junho de 2000.

Parágrafo único. Cabe aos Estados, Municípios e ao Distrito Federal, no âmbito de suas competências, criar instrumentos para a efetiva implantação e o controle do atendimento prioritário referido neste Decreto.

CAPÍTULO III DAS CONDIÇÕES GERAIS DA ACESSIBILIDADE

Art. 8º Para os fins de acessibilidade, considera-se:

I - acessibilidade: condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de

transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - barreiras: qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação, classificadas em:

- a) barreiras urbanísticas: as existentes nas vias públicas e nos espaços de uso público;
- b) barreiras nas edificações: as existentes no entorno e interior das edificações de uso público e coletivo e no entorno e nas áreas internas de uso comum nas edificações de uso privado multifamiliar;
- c) barreiras nos transportes: as existentes nos serviços de transportes; e
- d) barreiras nas comunicações e informações: qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação;

III - elemento da urbanização: qualquer componente das obras de urbanização, tais como os referentes à pavimentação, saneamento, distribuição de energia elétrica, iluminação pública, abastecimento e distribuição de água, paisagismo e os que materializam as indicações do planejamento urbanístico;

IV - mobiliário urbano: o conjunto de objetos existentes nas vias e espaços públicos, superpostos ou adicionados aos elementos da urbanização ou da edificação, de forma que sua modificação ou traslado não provoque alterações substanciais nestes elementos, tais como semáforos, postes de sinalização e similares, telefones e cabines telefônicas, fontes públicas, lixeiras, toldos, marquises, quiosques e quaisquer outros de natureza análoga;

V - ajuda técnica: os produtos, instrumentos, equipamentos ou tecnologia adaptados ou especialmente projetados para melhorar a funcionalidade da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a autonomia pessoal, total ou assistida;

VI - edificações de uso público: aquelas administradas por entidades da administração pública, direta e indireta, ou por empresas prestadoras de serviços públicos e destinadas ao público em geral;

VII - edificações de uso coletivo: aquelas destinadas às atividades de natureza comercial, hoteleira, cultural, esportiva, financeira, turística, recreativa, social, religiosa, educacional, industrial e de saúde, inclusive as edificações de prestação de serviços de atividades da mesma natureza;

VIII - edificações de uso privado: aquelas destinadas à habitação, que podem ser classificadas como unifamiliar ou multifamiliar; e

IX - desenho universal: concepção de espaços, artefatos e produtos que visam atender simultaneamente todas as pessoas, com diferentes características antropométricas e sensoriais, de forma autônoma, segura e confortável, constituindo-se nos elementos ou soluções que compõem a acessibilidade.

Art. 9º A formulação, implementação e manutenção das ações de acessibilidade atenderão às seguintes premissas básicas:

I - a priorização das necessidades, a programação em cronograma e a reserva de recursos para a implantação das ações; e

II - o planejamento, de forma continuada e articulada, entre os setores envolvidos.

CAPÍTULO IV DA IMPLEMENTAÇÃO DA ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA E URBANÍSTICA

Seção I

Das Condições Gerais

Art. 10. A concepção e a implantação dos projetos arquitetônicos e urbanísticos devem atender aos princípios do desenho universal, tendo como referências básicas as normas

técnicas de acessibilidade da ABNT, a legislação específica e as regras contidas neste Decreto.

§ 1º Caberá ao Poder Público promover a inclusão de conteúdos temáticos referentes ao desenho universal nas diretrizes curriculares da educação profissional e tecnológica e do ensino superior dos cursos de Engenharia, Arquitetura e correlatos.

§ 2º Os programas e as linhas de pesquisa a serem desenvolvidos com o apoio de organismos públicos de auxílio à pesquisa e de agências de fomento deverão incluir temas voltados para o desenho universal.

Art. 11. A construção, reforma ou ampliação de edificações de uso público ou coletivo, ou a mudança de destinação para estes tipos de edificação, deverão ser executadas de modo que sejam ou se tornem acessíveis à pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 1º As entidades de fiscalização profissional das atividades de Engenharia, Arquitetura e correlatas, ao anotarem a responsabilidade técnica dos projetos, exigirão a responsabilidade profissional declarada do atendimento às regras de acessibilidade previstas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT, na legislação específica e neste Decreto.

§ 2º Para a aprovação ou licenciamento ou emissão de certificado de conclusão de projeto arquitetônico ou urbanístico deverá ser atestado o atendimento às regras de acessibilidade previstas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT, na legislação específica e neste Decreto.

§ 3º O Poder Público, após certificar a acessibilidade de edificação ou serviço, determinará a colocação, em espaços ou locais de ampla visibilidade, do "Símbolo Internacional de Acesso", na forma prevista nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT e na Lei nº 7.405, de 12 de novembro de 1985.

Art. 12. Em qualquer intervenção nas vias e logradouros públicos, o Poder Público e as empresas concessionárias responsáveis pela execução das obras e dos serviços garantirão o livre trânsito e a circulação de forma segura das pessoas em geral, especialmente das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, durante e após a sua execução, de acordo com o previsto em normas técnicas de acessibilidade da ABNT, na legislação específica e neste Decreto.

Art. 13. Orientam-se, no que couber, pelas regras previstas nas normas técnicas brasileiras de acessibilidade, na legislação específica, observado o disposto na Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, e neste Decreto:

I - os Planos Diretores Municipais e Planos Diretores de Transporte e Trânsito elaborados ou atualizados a partir da publicação deste Decreto;

II - o Código de Obras, Código de Postura, a Lei de Uso e Ocupação do Solo e a Lei do Sistema Viário;

III - os estudos prévios de impacto de vizinhança;

IV - as atividades de fiscalização e a imposição de sanções, incluindo a vigilância sanitária e ambiental; e

V - a previsão orçamentária e os mecanismos tributários e financeiros utilizados em caráter compensatório ou de incentivo.

§ 1º Para concessão de alvará de funcionamento ou sua renovação para qualquer atividade, devem ser observadas e certificadas as regras de acessibilidade previstas neste Decreto e nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 2º Para emissão de carta de "habite-se" ou habilitação equivalente e para sua renovação, quando esta tiver sido emitida anteriormente às exigências de acessibilidade contidas na legislação específica, devem ser observadas e certificadas as regras de acessibilidade previstas neste Decreto e nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Seção II

Das Condições Específicas

Art. 14. Na promoção da acessibilidade, serão observadas as regras gerais previstas neste Decreto, complementadas pelas normas técnicas de acessibilidade da ABNT e pelas disposições contidas na legislação dos Estados, Municípios e do Distrito Federal.

Art. 15. No planejamento e na urbanização das vias, praças, dos logradouros, parques e demais espaços de uso público, deverão ser cumpridas as exigências dispostas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 1º Incluem-se na condição estabelecida no caput:

I - a construção de calçadas para circulação de pedestres ou a adaptação de situações consolidadas;

II - o rebaixamento de calçadas com rampa acessível ou elevação da via para travessia de pedestre em nível; e

III - a instalação de piso tátil direcional e de alerta.

§ 2º Nos casos de adaptação de bens culturais imóveis e de intervenção para regularização urbanística em áreas de assentamentos subnormais, será admitida, em caráter excepcional, faixa de largura menor que o estabelecido nas normas técnicas citadas no caput, desde que haja justificativa baseada em estudo técnico e que o acesso seja viabilizado de outra forma, garantida a melhor técnica possível.

Art. 16. As características do desenho e a instalação do mobiliário urbano devem garantir a aproximação segura e o uso por pessoa portadora de deficiência visual, mental ou auditiva, a aproximação e o alcance visual e manual para as pessoas portadoras de deficiência física, em especial aquelas em cadeira de rodas, e a circulação livre de barreiras, atendendo às condições estabelecidas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 1º Incluem-se nas condições estabelecida no caput:

I - as marquises, os toldos, elementos de sinalização, luminosos e outros elementos que tenham sua projeção sobre a faixa de circulação de pedestres;

II - as cabines telefônicas e os terminais de auto-atendimento de produtos e serviços;

III - os telefones públicos sem cabine;

IV - a instalação das aberturas, das botoeiras, dos comandos e outros sistemas de acionamento do mobiliário urbano;

V - os demais elementos do mobiliário urbano;

VI - o uso do solo urbano para posteamento; e

VII - as espécies vegetais que tenham sua projeção sobre a faixa de circulação de pedestres.

§ 2º A concessionária do Serviço Telefônico Fixo Comutado - STFC, na modalidade Local, deverá assegurar que, no mínimo, dois por cento do total de Telefones de Uso Público - TUPs, sem cabine, com capacidade para originar e receber chamadas locais e de longa distância nacional, bem como, pelo menos, dois por cento do total de TUPs, com capacidade para originar e receber chamadas de longa distância, nacional e internacional, estejam adaptados para o uso de pessoas portadoras de deficiência auditiva e para usuários de cadeiras de rodas, ou conforme estabelecer os Planos Gerais de Metas de Universalização.

§ 3º As botoeiras e demais sistemas de acionamento dos terminais de auto-atendimento de produtos e serviços e outros equipamentos em que haja interação com o público devem estar localizados em altura que possibilite o manuseio por pessoas em cadeira de rodas e possuir mecanismos para utilização autônoma por pessoas portadoras de deficiência visual e auditiva, conforme padrões estabelecidos nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Art. 17. Os semáforos para pedestres instalados nas vias públicas deverão estar equipados com mecanismo que sirva de guia ou orientação para a travessia de pessoa portadora de

deficiência visual ou com mobilidade reduzida em todos os locais onde a intensidade do fluxo de veículos, de pessoas ou a periculosidade na via assim determinarem, bem como mediante solicitação dos interessados.

Art. 18. A construção de edificações de uso privado multifamiliar e a construção, ampliação ou reforma de edificações de uso coletivo devem atender aos preceitos da acessibilidade na interligação de todas as partes de uso comum ou abertas ao público, conforme os padrões das normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Parágrafo único. Também estão sujeitos ao disposto no caput os acessos, piscinas, andares de recreação, salão de festas e reuniões, saunas e banheiros, quadras esportivas, portarias, estacionamentos e garagens, entre outras partes das áreas internas ou externas de uso comum das edificações de uso privado multifamiliar e das de uso coletivo.

Art. 19. A construção, ampliação ou reforma de edificações de uso público deve garantir, pelo menos, um dos acessos ao seu interior, com comunicação com todas as suas dependências e serviços, livre de barreiras e de obstáculos que impeçam ou dificultem a sua acessibilidade.

§ 1º No caso das edificações de uso público já existentes, terão elas prazo de trinta meses a contar da data de publicação deste Decreto para garantir acessibilidade às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 2º Sempre que houver viabilidade arquitetônica, o Poder Público buscará garantir dotação orçamentária para ampliar o número de acessos nas edificações de uso público a serem construídas, ampliadas ou reformadas.

Art. 20. Na ampliação ou reforma das edificações de uso público ou de uso coletivo, os desníveis das áreas de circulação internas ou externas serão transpostos por meio de rampa ou equipamento eletromecânico de deslocamento vertical, quando não for possível outro acesso mais cômodo para pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, conforme estabelecido nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Art. 21. Os balcões de atendimento e as bilheterias em edificação de uso público ou de uso coletivo devem dispor de, pelo menos, uma parte da superfície acessível para atendimento às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, conforme os padrões das normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Parágrafo único. No caso do exercício do direito de voto, as urnas das seções eleitorais devem ser adequadas ao uso com autonomia pelas pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida e estarem instaladas em local de votação plenamente acessível e com estacionamento próximo.

Art. 22. A construção, ampliação ou reforma de edificações de uso público ou de uso coletivo devem dispor de sanitários acessíveis destinados ao uso por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 1º Nas edificações de uso público a serem construídas, os sanitários destinados ao uso por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida serão distribuídos na razão de, no mínimo, uma cabine para cada sexo em cada pavimento da edificação, com entrada independente dos sanitários coletivos, obedecendo às normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 2º Nas edificações de uso público já existentes, terão elas prazo de trinta meses a contar da data de publicação deste Decreto para garantir pelo menos um banheiro acessível por pavimento, com entrada independente, distribuindo-se seus equipamentos e acessórios de modo que possam ser utilizados por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 3º Nas edificações de uso coletivo a serem construídas, ampliadas ou reformadas, onde devem existir banheiros de uso público, os sanitários destinados ao uso por pessoa portadora de deficiência deverão ter entrada independente dos demais e obedecer às normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 4º Nas edificações de uso coletivo já existentes, onde haja banheiros destinados ao uso público, os sanitários preparados para o uso por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida deverão estar localizados nos pavimentos acessíveis, ter entrada independente dos demais sanitários, se houver, e obedecer as normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Art. 23. Os teatros, cinemas, auditórios, estádios, ginásios de esporte, casas de espetáculos, salas de conferências e similares reservarão, pelo menos, dois por cento da lotação do estabelecimento para pessoas em cadeira de rodas, distribuídos pelo recinto em locais diversos, de boa visibilidade, próximos aos corredores, devidamente sinalizados, evitando-se áreas segregadas de público e a obstrução das saídas, em conformidade com as normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 1º Nas edificações previstas no caput, é obrigatória, ainda, a destinação de dois por cento dos assentos para acomodação de pessoas portadoras de deficiência visual e de pessoas com mobilidade reduzida, incluindo obesos, em locais de boa recepção de mensagens sonoras, devendo todos ser devidamente sinalizados e estar de acordo com os padrões das normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 2º No caso de não haver comprovada procura pelos assentos reservados, estes poderão excepcionalmente ser ocupados por pessoas que não sejam portadoras de deficiência ou que não tenham mobilidade reduzida.

§ 3º Os espaços e assentos a que se refere este artigo deverão situar-se em locais que garantam a acomodação de, no mínimo, um acompanhante da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 4º Nos locais referidos no caput, haverá, obrigatoriamente, rotas de fuga e saídas de emergência acessíveis, conforme padrões das normas técnicas de acessibilidade da ABNT, a fim de permitir a saída segura de pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, em caso de emergência.

§ 5º As áreas de acesso aos artistas, tais como coxias e camarins, também devem ser acessíveis a pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 6º Para obtenção do financiamento de que trata o inciso III do art. 2º, as salas de espetáculo deverão dispor de sistema de sonorização assistida para pessoas portadoras de deficiência auditiva, de meios eletrônicos que permitam o acompanhamento por meio de legendas em tempo real ou de disposições especiais para a presença física de intérprete de LIBRAS e de guias-intérpretes, com a projeção em tela da imagem do intérprete de LIBRAS sempre que a distância não permitir sua visualização direta.

§ 7º O sistema de sonorização assistida a que se refere o § 6º será sinalizado por meio do pictograma aprovado pela Lei nº 8.160, de 8 de janeiro de 1991.

§ 8º As edificações de uso público e de uso coletivo referidas no caput, já existentes, têm, respectivamente, prazo de trinta e quarenta e oito meses, a contar da data de publicação deste Decreto, para garantir a acessibilidade de que trata o caput e os §§ 1º a 5º.

Art. 24. Os estabelecimentos de ensino de qualquer nível, etapa ou modalidade, públicos ou privados, proporcionarão condições de acesso e utilização de todos os seus ambientes ou compartimentos para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, inclusive salas de aula, bibliotecas, auditórios, ginásios e instalações desportivas, laboratórios, áreas de lazer e sanitários.

§ 1º Para a concessão de autorização de funcionamento, de abertura ou renovação de curso pelo Poder Público, o estabelecimento de ensino deverá comprovar que:

I - está cumprindo as regras de acessibilidade arquitetônica, urbanística e na comunicação e informação previstas nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT, na

legislação específica ou neste Decreto;

II - coloca à disposição de professores, alunos, servidores e empregados portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida ajudas técnicas que permitam o acesso às atividades escolares e administrativas em igualdade de condições com as demais pessoas; e

III - seu ordenamento interno contém normas sobre o tratamento a ser dispensado a professores, alunos, servidores e empregados portadores de deficiência, com o objetivo de coibir e reprimir qualquer tipo de discriminação, bem como as respectivas sanções pelo descumprimento dessas normas.

§ 2º As edificações de uso público e de uso coletivo referidas no caput, já existentes, têm, respectivamente, prazo de trinta e quarenta e oito meses, a contar da data de publicação deste Decreto, para garantir a acessibilidade de que trata este artigo.

Art. 25. Nos estacionamentos externos ou internos das edificações de uso público ou de uso coletivo, ou naqueles localizados nas vias públicas, serão reservados, pelo menos, dois por cento do total de vagas para veículos que transportem pessoa portadora de deficiência física ou visual definidas neste Decreto, sendo assegurada, no mínimo, uma vaga, em locais próximos à entrada principal ou ao elevador, de fácil acesso à circulação de pedestres, com especificações técnicas de desenho e traçado conforme o estabelecido nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 1º Os veículos estacionados nas vagas reservadas deverão portar identificação a ser colocada em local de ampla visibilidade, confeccionado e fornecido pelos órgãos de trânsito, que disciplinarão sobre suas características e condições de uso, observando o disposto na Lei nº 7.405, de 1985.

§ 2º Os casos de inobservância do disposto no § 1º estarão sujeitos às sanções estabelecidas pelos órgãos competentes.

§ 3º Aplica-se o disposto no caput aos estacionamentos localizados em áreas públicas e de uso coletivo.

§ 4º A utilização das vagas reservadas por veículos que não estejam transportando as pessoas citadas no caput constitui infração ao art. 181, inciso XVII, da Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997.

Art. 26. Nas edificações de uso público ou de uso coletivo, é obrigatória a existência de sinalização visual e tátil para orientação de pessoas portadoras de deficiência auditiva e visual, em conformidade com as normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Art. 27. A instalação de novos elevadores ou sua adaptação em edificações de uso público ou de uso coletivo, bem assim a instalação em edificação de uso privado multifamiliar a ser construída, na qual haja obrigatoriedade da presença de elevadores, deve atender aos padrões das normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 1º No caso da instalação de elevadores novos ou da troca dos já existentes, qualquer que seja o número de elevadores da edificação de uso público ou de uso coletivo, pelo menos um deles terá cabine que permita acesso e movimentação cômoda de pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, de acordo com o que especifica as normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 2º Junto às botoeiras externas do elevador, deverá estar sinalizado em braile em qual andar da edificação a pessoa se encontra.

§ 3º Os edifícios a serem construídos com mais de um pavimento além do pavimento de acesso, à exceção das habitações unifamiliares e daquelas que estejam obrigadas à instalação de elevadores por legislação municipal, deverão dispor de especificações técnicas e de projeto que facilitem a instalação de equipamento eletromecânico de deslocamento vertical para uso das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade

reduzida.

§ 4º As especificações técnicas a que se refere o § 3º devem atender:

I - a indicação em planta aprovada pelo poder municipal do local reservado para a instalação do equipamento eletromecânico, devidamente assinada pelo autor do projeto;

II - a indicação da opção pelo tipo de equipamento (elevador, esteira, plataforma ou similar);

III - a indicação das dimensões internas e demais aspectos da cabine do equipamento a ser instalado; e

IV - demais especificações em nota na própria planta, tais como a existência e as medidas de botoeira, espelho, informação de voz, bem como a garantia de responsabilidade técnica de que a estrutura da edificação suporta a implantação do equipamento escolhido.

Seção III

Da Acessibilidade na Habitação de Interesse Social

Art. 28. Na habitação de interesse social, deverão ser promovidas as seguintes ações para assegurar as condições de acessibilidade dos empreendimentos:

I - definição de projetos e adoção de tipologias construtivas livres de barreiras arquitetônicas e urbanísticas;

II - no caso de edificação multifamiliar, execução das unidades habitacionais acessíveis no piso térreo e acessíveis ou adaptáveis quando nos demais pisos;

III - execução das partes de uso comum, quando se tratar de edificação multifamiliar, conforme as normas técnicas de acessibilidade da ABNT; e

IV - elaboração de especificações técnicas de projeto que facilite a instalação de elevador adaptado para uso das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Parágrafo único. Os agentes executores dos programas e projetos destinados à habitação de interesse social, financiados com recursos próprios da União ou por ela geridos, devem observar os requisitos estabelecidos neste artigo.

Art. 29. Ao Ministério das Cidades, no âmbito da coordenação da política habitacional, compete:

I - adotar as providências necessárias para o cumprimento do disposto no art. 28; e

II - divulgar junto aos agentes interessados e orientar a clientela alvo da política habitacional sobre as iniciativas que promover em razão das legislações federal, estaduais, distrital e municipais relativas à acessibilidade.

Seção IV

Da Acessibilidade aos Bens Culturais Imóveis

Art. 30. As soluções destinadas à eliminação, redução ou superação de barreiras na promoção da acessibilidade a todos os bens culturais imóveis devem estar de acordo com o que estabelece a Instrução Normativa nº 1 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, de 25 de novembro de 2003.

CAPÍTULO V

DA ACESSIBILIDADE AOS SERVIÇOS DE TRANSPORTES COLETIVOS

Seção I

Das Condições Gerais

Art. 31. Para os fins de acessibilidade aos serviços de transporte coletivo terrestre, aquaviário e aéreo, considera-se como integrantes desses serviços os veículos, terminais, estações, pontos de parada, vias principais, acessos e operação.

Art. 32. Os serviços de transporte coletivo terrestre são:

I - transporte rodoviário, classificado em urbano, metropolitano, intermunicipal e interestadual;

II - transporte metroferroviário, classificado em urbano e metropolitano; e

III - transporte ferroviário, classificado em intermunicipal e interestadual.

Art. 33. As instâncias públicas responsáveis pela concessão e permissão dos serviços de transporte coletivo são:

I - governo municipal, responsável pelo transporte coletivo municipal;

II - governo estadual, responsável pelo transporte coletivo metropolitano e intermunicipal;

III - governo do Distrito Federal, responsável pelo transporte coletivo do Distrito Federal; e

IV - governo federal, responsável pelo transporte coletivo interestadual e internacional.

Art. 34. Os sistemas de transporte coletivo são considerados acessíveis quando todos os seus elementos são concebidos, organizados, implantados e adaptados segundo o conceito de desenho universal, garantindo o uso pleno com segurança e autonomia por todas as pessoas.

Parágrafo único. A infra-estrutura de transporte coletivo a ser implantada a partir da publicação deste Decreto deverá ser acessível e estar disponível para ser operada de forma a garantir o seu uso por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 35. Os responsáveis pelos terminais, estações, pontos de parada e os veículos, no âmbito de suas competências, assegurarão espaços para atendimento, assentos preferenciais e meios de acesso devidamente sinalizados para o uso das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 36. As empresas concessionárias e permissionárias e as instâncias públicas responsáveis pela gestão dos serviços de transportes coletivos, no âmbito de suas competências, deverão garantir a implantação das providências necessárias na operação, nos terminais, nas estações, nos pontos de parada e nas vias de acesso, de forma a assegurar as condições previstas no art. 34 deste Decreto.

Parágrafo único. As empresas concessionárias e permissionárias e as instâncias públicas responsáveis pela gestão dos serviços de transportes coletivos, no âmbito de suas competências, deverão autorizar a colocação do "Símbolo Internacional de Acesso" após certificar a acessibilidade do sistema de transporte.

Art. 37. Cabe às empresas concessionárias e permissionárias e as instâncias públicas responsáveis pela gestão dos serviços de transportes coletivos assegurar a qualificação dos profissionais que trabalham nesses serviços, para que prestem atendimento prioritário às pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Seção II

Da Acessibilidade no Transporte Coletivo Rodoviário

Art. 38. No prazo de até vinte e quatro meses a contar da data de edição das normas técnicas referidas no § 1º, todos os modelos e marcas de veículos de transporte coletivo rodoviário para utilização no País serão fabricados acessíveis e estarão disponíveis para integrar a frota operante, de forma a garantir o seu uso por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 1º As normas técnicas para fabricação dos veículos e dos equipamentos de transporte coletivo rodoviário, de forma a torná-los acessíveis, serão elaboradas pelas instituições e entidades que compõem o Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, e estarão disponíveis no prazo de até doze meses a contar da data da publicação deste Decreto.

§ 2º A substituição da frota operante atual por veículos acessíveis, a ser feita pelas empresas concessionárias e permissionárias de transporte coletivo rodoviário, dar-se-á de forma gradativa, conforme o prazo previsto nos contratos de concessão e permissão deste serviço.

§ 3º A frota de veículos de transporte coletivo rodoviário e a infra-estrutura dos serviços deste transporte deverão estar totalmente acessíveis no prazo máximo de cento e vinte meses a contar da data de publicação deste Decreto.

§ 4º Os serviços de transporte coletivo rodoviário urbano devem priorizar o embarque e desembarque dos usuários em nível em, pelo menos, um dos acessos do veículo.

Art. 39. No prazo de até vinte e quatro meses a contar da data de implementação dos programas de avaliação de conformidade descritos no § 3º, as empresas concessionárias e permissionárias dos serviços de transporte coletivo rodoviário deverão garantir a acessibilidade da frota de veículos em circulação, inclusive de seus equipamentos.

§ 1º As normas técnicas para adaptação dos veículos e dos equipamentos de transporte coletivo rodoviário em circulação, de forma a torná-los acessíveis, serão elaboradas pelas instituições e entidades que compõem o Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, e estarão disponíveis no prazo de até doze meses a contar da data da publicação deste Decreto.

§ 2º Caberá ao Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO, quando da elaboração das normas técnicas para a adaptação dos veículos, especificar dentre esses veículos que estão em operação quais serão adaptados, em função das restrições previstas no art. 98 da Lei nº 9.503, de 1997.

§ 3º As adaptações dos veículos em operação nos serviços de transporte coletivo rodoviário, bem como os procedimentos e equipamentos a serem utilizados nestas adaptações, estarão sujeitas a programas de avaliação de conformidade desenvolvidos e implementados pelo Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial - INMETRO, a partir de orientações normativas elaboradas no âmbito da ABNT.

Seção III

Da Acessibilidade no Transporte Coletivo Aquaviário

Art. 40. No prazo de até trinta e seis meses a contar da data de edição das normas técnicas referidas no § 1º, todos os modelos e marcas de veículos de transporte coletivo aquaviário serão fabricados acessíveis e estarão disponíveis para integrar a frota operante, de forma a garantir o seu uso por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

§ 1º As normas técnicas para fabricação dos veículos e dos equipamentos de transporte coletivo aquaviário acessíveis, a serem elaboradas pelas instituições e entidades que compõem o Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, estarão disponíveis no prazo de até vinte e quatro meses a contar da data da publicação deste Decreto.

§ 2º As adequações na infra-estrutura dos serviços desta modalidade de transporte deverão atender a critérios necessários para proporcionar as condições de acessibilidade do sistema de transporte aquaviário.

Art. 41. No prazo de até cinquenta e quatro meses a contar da data de implementação dos programas de avaliação de conformidade descritos no § 2º, as empresas concessionárias e permissionárias dos serviços de transporte coletivo aquaviário, deverão garantir a acessibilidade da frota de veículos em circulação, inclusive de seus equipamentos.

§ 1º As normas técnicas para adaptação dos veículos e dos equipamentos de transporte coletivo aquaviário em circulação, de forma a torná-los acessíveis, serão elaboradas pelas instituições e entidades que compõem o Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, e estarão disponíveis no prazo de até trinta e seis meses a contar da data da publicação deste Decreto.

§ 2º As adaptações dos veículos em operação nos serviços de transporte coletivo aquaviário, bem como os procedimentos e equipamentos a serem utilizados nestas adaptações, estarão sujeitas a programas de avaliação de conformidade desenvolvidos e implementados pelo INMETRO, a partir de orientações normativas elaboradas no âmbito da ABNT.

Seção IV

Da Acessibilidade no Transporte Coletivo Metroferroviário e Ferroviário

Art. 42. A frota de veículos de transporte coletivo metroferroviário e ferroviário, assim como a infra-estrutura dos serviços deste transporte deverão estar totalmente acessíveis no prazo máximo de cento e vinte meses a contar da data de publicação deste Decreto.

§ 1º A acessibilidade nos serviços de transporte coletivo metroferroviário e ferroviário obedecerá ao disposto nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

§ 2º No prazo de até trinta e seis meses a contar da data da publicação deste Decreto, todos os modelos e marcas de veículos de transporte coletivo metroferroviário e ferroviário serão fabricados acessíveis e estarão disponíveis para integrar a frota operante, de forma a garantir o seu uso por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Art. 43. Os serviços de transporte coletivo metroferroviário e ferroviário existentes deverão estar totalmente acessíveis no prazo máximo de cento e vinte meses a contar da data de publicação deste Decreto.

§ 1º As empresas concessionárias e permissionárias dos serviços de transporte coletivo metroferroviário e ferroviário deverão apresentar plano de adaptação dos sistemas existentes, prevendo ações saneadoras de, no mínimo, oito por cento ao ano, sobre os elementos não acessíveis que compõem o sistema.

§ 2º O plano de que trata o § 1º deve ser apresentado em até seis meses a contar da data de publicação deste Decreto.

Seção V

Da Acessibilidade no Transporte Coletivo Aéreo

Art. 44. No prazo de até trinta e seis meses, a contar da data da publicação deste Decreto, os serviços de transporte coletivo aéreo e os equipamentos de acesso às aeronaves estarão acessíveis e disponíveis para serem operados de forma a garantir o seu uso por pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Parágrafo único. A acessibilidade nos serviços de transporte coletivo aéreo obedecerá ao disposto na Norma de Serviço da Instrução da Aviação Civil NOSER/IAC - 2508-0796, de 1º de novembro de 1995, expedida pelo Departamento de Aviação Civil do Comando da Aeronáutica, e nas normas técnicas de acessibilidade da ABNT.

Seção VI

Das Disposições Finais

Art. 45. Caberá ao Poder Executivo, com base em estudos e pesquisas, verificar a viabilidade de redução ou isenção de tributo:

I - para importação de equipamentos que não sejam produzidos no País, necessários no processo de adequação do sistema de transporte coletivo, desde que não existam similares nacionais; e

II - para fabricação ou aquisição de veículos ou equipamentos destinados aos sistemas de transporte coletivo.

Parágrafo único. Na elaboração dos estudos e pesquisas a que se referem o caput, deve-se observar o disposto no art. 14 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, sinalizando impacto orçamentário e financeiro da medida estudada.

Art. 46. A fiscalização e a aplicação de multas aos sistemas de transportes coletivos, segundo disposto no art. 6º, inciso II, da Lei nº 10.048, de 2000, cabe à União, aos Estados, Municípios e ao Distrito Federal, de acordo com suas competências.

CAPÍTULO VI

DO ACESSO À INFORMAÇÃO E À COMUNICAÇÃO

Art. 47. No prazo de até doze meses a contar da data de publicação deste Decreto,

será obrigatória a acessibilidade nos portais e sítios eletrônicos da administração pública na rede mundial de computadores (internet), para o uso das pessoas portadoras de deficiência visual, garantindo-lhes o pleno acesso às informações disponíveis.

§ 1º Nos portais e sítios de grande porte, desde que seja demonstrada a inviabilidade técnica de se concluir os procedimentos para alcançar integralmente a acessibilidade, o prazo definido no caput será estendido por igual período.

§ 2º Os sítios eletrônicos acessíveis às pessoas portadoras de deficiência conterão símbolo que represente a acessibilidade na rede mundial de computadores (internet), a ser adotado nas respectivas páginas de entrada.

§ 3º Os telecentros comunitários instalados ou custeados pelos Governos Federal, Estadual, Municipal ou do Distrito Federal devem possuir instalações plenamente acessíveis e, pelo menos, um computador com sistema de som instalado, para uso preferencial por pessoas portadoras de deficiência visual.

Art. 48. Após doze meses da edição deste Decreto, a acessibilidade nos portais e sítios eletrônicos de interesse público na rede mundial de computadores (internet), deverá ser observada para obtenção do financiamento de que trata o inciso III do art. 2º.

Art. 49. As empresas prestadoras de serviços de telecomunicações deverão garantir o pleno acesso às pessoas portadoras de deficiência auditiva, por meio das seguintes ações:

- I - no Serviço Telefônico Fixo Comutado - STFC, disponível para uso do público em geral:
 - a) instalar, mediante solicitação, em âmbito nacional e em locais públicos, telefones de uso público adaptados para uso por pessoas portadoras de deficiência;
 - b) garantir a disponibilidade de instalação de telefones para uso por pessoas portadoras de deficiência auditiva para acessos individuais;
 - c) garantir a existência de centrais de intermediação de comunicação telefônica a serem utilizadas por pessoas portadoras de deficiência auditiva, que funcionem em tempo integral e atendam a todo o território nacional, inclusive com integração com o mesmo serviço oferecido pelas prestadoras de Serviço Móvel Pessoal; e
 - d) garantir que os telefones de uso público contenham dispositivos sonoros para a identificação das unidades existentes e consumidas dos cartões telefônicos, bem como demais informações exibidas no painel destes equipamentos;

II - no Serviço Móvel Celular ou Serviço Móvel Pessoal:

- a) garantir a interoperabilidade nos serviços de telefonia móvel, para possibilitar o envio de mensagens de texto entre celulares de diferentes empresas; e
- b) garantir a existência de centrais de intermediação de comunicação telefônica a serem utilizadas por pessoas portadoras de deficiência auditiva, que funcionem em tempo integral e atendam a todo o território nacional, inclusive com integração com o mesmo serviço oferecido pelas prestadoras de Serviço Telefônico Fixo Comutado.

§ 1º Além das ações citadas no caput, deve-se considerar o estabelecido nos Planos Gerais de Metas de Universalização aprovados pelos Decretos nºs 2.592, de 15 de maio de 1998, e 4.769, de 27 de junho de 2003, bem como o estabelecido pela Lei nº 9.472, de 16 de julho de 1997.

§ 2º O termo pessoa portadora de deficiência auditiva e da fala utilizado nos Planos Gerais de Metas de Universalização é entendido neste Decreto como pessoa portadora de deficiência auditiva, no que se refere aos recursos tecnológicos de telefonia.

Art. 50. A Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL regulamentará, no prazo de seis meses a contar da data de publicação deste Decreto, os procedimentos a serem observados para implementação do disposto no art. 49.

Art. 51. Caberá ao Poder Público incentivar a oferta de aparelhos de telefonia celular que indiquem, de forma sonora, todas as operações e funções neles disponíveis no visor.

Art. 52. Caberá ao Poder Público incentivar a oferta de aparelhos de televisão equipados

com recursos tecnológicos que permitam sua utilização de modo a garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva ou visual.

Parágrafo único. Incluem-se entre os recursos referidos no caput:

- I - circuito de decodificação de legenda oculta;
- II - recurso para Programa Secundário de Áudio (SAP); e
- III - entradas para fones de ouvido com ou sem fio.

Art. 53. A ANATEL regulamentará, no prazo de doze meses a contar da data de publicação deste Decreto, os procedimentos a serem observados para implementação do plano de medidas técnicas previsto no art. 19 da Lei nº 10.098, de 2000. Regulamentado pela portaria Nº 310, DE 27 DE JUNHO DE 2006

§ 1º O processo de regulamentação de que trata o caput deverá atender ao disposto no art. 31 da Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999.

§ 2º A regulamentação de que trata o caput deverá prever a utilização, entre outros, dos seguintes sistemas de reprodução das mensagens veiculadas para as pessoas portadoras de deficiência auditiva e visual:

- I - a substituição por meio de legenda oculta;
- II - a janela com intérprete de LIBRAS; e
- III - a descrição e narração em voz de cenas e imagens.

§ 3º A Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - CORDE da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República assistirá a ANATEL no procedimento de que trata o § 1º.

Art. 54. Autorizatórias e consignatórias do serviço de radiodifusão de sons e imagens operadas pelo Poder Público poderão adotar plano de medidas técnicas próprio, como metas antecipadas e mais amplas do que aquelas a serem definidas no âmbito do procedimento estabelecido no art. 53.

Art. 55. Caberá aos órgãos e entidades da administração pública, diretamente ou em parceria com organizações sociais civis de interesse público, sob a orientação do Ministério da Educação e da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, por meio da CORDE, promover a capacitação de profissionais em LIBRAS.

Art. 56. O projeto de desenvolvimento e implementação da televisão digital no País deverá contemplar obrigatoriamente os três tipos de sistema de acesso à informação de que trata o art. 52.

Art. 57. A Secretaria de Comunicação de Governo e Gestão Estratégica da Presidência da República editará, no prazo de doze meses a contar da data da publicação deste Decreto, normas complementares disciplinando a utilização dos sistemas de acesso à informação referidos no § 2º do art. 53, na publicidade governamental e nos pronunciamentos oficiais transmitidos por meio dos serviços de radiodifusão de sons e imagens.

Parágrafo único. Sem prejuízo do disposto no caput e observadas as condições técnicas, os pronunciamentos oficiais do Presidente da República serão acompanhados, obrigatoriamente, no prazo de seis meses a partir da publicação deste Decreto, de sistema de acessibilidade mediante janela com intérprete de LIBRAS.

Art. 58. O Poder Público adotará mecanismos de incentivo para tornar disponíveis em meio magnético, em formato de texto, as obras publicadas no País.

§ 1º A partir de seis meses da edição deste Decreto, a indústria de medicamentos deve disponibilizar, mediante solicitação, exemplares das bulas dos medicamentos em meio magnético, braile ou em fonte ampliada.

§ 2º A partir de seis meses da edição deste Decreto, os fabricantes de equipamentos eletroeletrônicos e mecânicos de uso doméstico devem disponibilizar, mediante solicitação, exemplares dos manuais de instrução em meio magnético, braile ou em

fonte ampliada.

Art. 59. O Poder Público apoiará preferencialmente os congressos, seminários, oficinas e demais eventos científico-culturais que ofereçam, mediante solicitação, apoios humanos às pessoas com deficiência auditiva e visual, tais como tradutores e intérpretes de LIBRAS, ledores, guias-intérpretes, ou tecnologias de informação e comunicação, tais como a transcrição eletrônica simultânea.

Art. 60. Os programas e as linhas de pesquisa a serem desenvolvidos com o apoio de organismos públicos de auxílio à pesquisa e de agências de financiamento deverão contemplar temas voltados para tecnologia da informação acessível para pessoas portadoras de deficiência.

Parágrafo único. Será estimulada a criação de linhas de crédito para a indústria que produza componentes e equipamentos relacionados à tecnologia da informação acessível para pessoas portadoras de deficiência.

CAPÍTULO VII

DAS AJUDAS TÉCNICAS

Art. 61. Para os fins deste Decreto, consideram-se ajudas técnicas os produtos, instrumentos, equipamentos ou tecnologia adaptados ou especialmente projetados para melhorar a funcionalidade da pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida, favorecendo a autonomia pessoal, total ou assistida.

§ 1º Os elementos ou equipamentos definidos como ajudas técnicas serão certificados pelos órgãos competentes, ouvidas as entidades representativas das pessoas portadoras de deficiência.

§ 2º Para os fins deste Decreto, os cães-guia e os cães-guia de acompanhamento são considerados ajudas técnicas.

Art. 62. Os programas e as linhas de pesquisa a serem desenvolvidos com o apoio de organismos públicos de auxílio à pesquisa e de agências de financiamento deverão contemplar temas voltados para ajudas técnicas, cura, tratamento e prevenção de deficiências ou que contribuam para impedir ou minimizar o seu agravamento.

Parágrafo único. Será estimulada a criação de linhas de crédito para a indústria que produza componentes e equipamentos de ajudas técnicas.

Art. 63. O desenvolvimento científico e tecnológico voltado para a produção de ajudas técnicas dar-se-á a partir da instituição de parcerias com universidades e centros de pesquisa para a produção nacional de componentes e equipamentos.

Parágrafo único. Os bancos oficiais, com base em estudos e pesquisas elaborados pelo Poder Público, serão estimulados a conceder financiamento às pessoas portadoras de deficiência para aquisição de ajudas técnicas.

Art. 64. Caberá ao Poder Executivo, com base em estudos e pesquisas, verificar a viabilidade de:

- I - redução ou isenção de tributos para a importação de equipamentos de ajudas técnicas que não sejam produzidos no País ou que não possuam similares nacionais;
- II - redução ou isenção do imposto sobre produtos industrializados incidente sobre as ajudas técnicas; e
- III - inclusão de todos os equipamentos de ajudas técnicas para pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida na categoria de equipamentos sujeitos a dedução de imposto de renda.

Parágrafo único. Na elaboração dos estudos e pesquisas a que se referem o caput, deve-se observar o disposto no art. 14 da Lei Complementar nº 101, de 2000, sinalizando impacto orçamentário e financeiro da medida estudada.

Art. 65. Caberá ao Poder Público viabilizar as seguintes diretrizes:

- I - reconhecimento da área de ajudas técnicas como área de conhecimento;
- II - promoção da inclusão de conteúdos temáticos referentes a ajudas técnicas na educação profissional, no ensino médio, na graduação e na pós-graduação;
- III - apoio e divulgação de trabalhos técnicos e científicos referentes a ajudas técnicas;
- IV - estabelecimento de parcerias com escolas e centros de educação profissional, centros de ensino universitários e de pesquisa, no sentido de incrementar a formação de profissionais na área de ajudas técnicas; e
- V - incentivo à formação e treinamento de ortesistas e protesistas.

Art. 66. A Secretaria Especial dos Direitos Humanos instituirá Comitê de Ajudas Técnicas, constituído por profissionais que atuam nesta área, e que será responsável por:

- I - estruturação das diretrizes da área de conhecimento;
- II - estabelecimento das competências desta área;
- III - realização de estudos no intuito de subsidiar a elaboração de normas a respeito de ajudas técnicas;
- IV - levantamento dos recursos humanos que atualmente trabalham com o tema; e
- V - detecção dos centros regionais de referência em ajudas técnicas, objetivando a formação de rede nacional integrada.

§ 1º O Comitê de Ajudas Técnicas será supervisionado pela CORDE e participará do Programa Nacional de Acessibilidade, com vistas a garantir o disposto no art. 62.

§ 2º Os serviços a serem prestados pelos membros do Comitê de Ajudas Técnicas são considerados relevantes e não serão remunerados.

CAPÍTULO VIII DO PROGRAMA NACIONAL DE ACESSIBILIDADE

Art. 67. O Programa Nacional de Acessibilidade, sob a coordenação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, por intermédio da CORDE, integrará os planos plurianuais, as diretrizes orçamentárias e os orçamentos anuais.

Art. 68. A Secretaria Especial dos Direitos Humanos, na condição de coordenadora do Programa Nacional de Acessibilidade, desenvolverá, dentre outras, as seguintes ações:

- I - apoio e promoção de capacitação e especialização de recursos humanos em acessibilidade e ajudas técnicas;
- II - acompanhamento e aperfeiçoamento da legislação sobre acessibilidade;
- III - edição, publicação e distribuição de títulos referentes à temática da acessibilidade;
- IV - cooperação com Estados, Distrito Federal e Municípios para a elaboração de estudos e diagnósticos sobre a situação da acessibilidade arquitetônica, urbanística, de transporte, comunicação e informação;
- V - apoio e realização de campanhas informativas e educativas sobre acessibilidade;
- VI - promoção de concursos nacionais sobre a temática da acessibilidade; e
- VII - estudos e proposição da criação e normatização do Selo Nacional de Acessibilidade.

CAPÍTULO IX DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 69. Os programas nacionais de desenvolvimento urbano, os projetos de revitalização, recuperação ou reabilitação urbana incluirão ações destinadas à eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas, nos transportes e na comunicação e informação devidamente adequadas às exigências deste Decreto.

Art. 70. O art. 4º do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999, passa a vigorar com as seguintes alterações:

I - deficiência física - alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de

funções;

II - deficiência auditiva - perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz;

III - deficiência visual - cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores;

Art. 71. Ficam revogados os arts. 50 a 54 do Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999.

Art. 72. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, 2 de dezembro de 2004; 183º da Independência e 116º da República.

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 3.12.2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO URBANO DIRETORIA DE ACESSIBILIDADE E MOBILIDADE REDUZIDA NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE

ROTEIRO PARA ELABORAÇÃO E ANÁLISE DE PROJETOS QUANTO A ACESSIBILIDADE

Considerando a Lei Municipal Complementar nº 524 de 08 de abril de 2011, que estabelece o código de obras do município de Uberlândia e seus distritos, a Lei Municipal nº 10.686 de 20 de dezembro de 2010 que estabelece as diretrizes do sistema viário do município de Uberlândia e que adota a NBR9050 para a aprovação de projetos de construção e reforma de logradouros e edificações, as Leis Federais nº 10.098/00, 10.098/00, a Lei Federal 13.146/15 Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, o decreto Federal 5.296/04 que estabelecem normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida e o Decreto Federal nº 3.298/99 que regulamenta a Lei Federal 7.853/ 89 que dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência.

1 - Acessos

Desnível de piso acima de 1,5 cm deverá ser vencido através de rampa com inclinação dentro dos parâmetros da NBR-9050 Indicar cotas de nível de piso desde o(s) ponto(s) da calçada próximo(s) ao(s) acesso (s) principal (is) até a recepção / entrada da edificação. Indicar cotas de níveis de piso desde a vaga do estacionamento acessível a veículos que conduzem pessoa com deficiência até o acesso principal da edificação.

2 - Circulação

Indicar cotas de nível de piso de todos os ambientes de uso comum quando houver mudança de nível.

Indicar largura de corredores e demais áreas de circulação, largura mínima de 1,20m, Indicar largura mínima da faixa de circulação da calçada pública 1,5m no mínimo; 1,20m para casos de reformas.

Indicar recurso utilizado para o deslocamento vertical na edificação aos usuários de cadeira de rodas (rampa, plataforma ou elevador).

Informar a condição física do material empregado nas áreas de deslocamento de forma a garantir que seja regular, firme, estável e antiderrapante.

3 - Rampas na Edificação

Indicar inclinação, extensão e largura de cada um dos seguimentos da rampa, dentro dos parâmetros estabelecidos pela NBR -9050. (i =1:12) largura mínima 1,20m;

Indicar a existência de patamar plano que anteceda e proceda a rampa com no mínimo 1,20m; indicar a cota de piso de cada patamar da rampa.

Indicar corrimão e/ ou guarda-corpo em detalhe na escala de 1: 50, demonstrando diâmetro da seção circular (deve ser circular), altura, forma de fixação e início e final dos mesmos.

4 - Equipamentos eletromecânicos de circulação (elevador/esteiras/plataforma)

Indicar existência de equipamentos eletromecânicos (elevadores ou similares) que permitam o acesso a todos os pavimentos da edificação. NÃO será aceito como acessibilidade carrinhos ou similares.

Indicar, mesmo que por nota em uma das pranchas do projeto, as dimensões internas do fosso, (mínimo de 1,50m x 1,50m) e das cabinas do elevador ou plataforma, (mínimo de 1,10m x 1,40 m, NBR NM 313 – NBR-ISO -9386-1).

Indicar, mesmo que por nota em uma das pranchas do projeto, a altura dos pontos mais alta e mais baixo das botoeiras de comando e acionamento do elemento eletromecânico. Indicar, mesmo que por nota em uma das pranchas do projeto, a garantia de informação em sistema braile, luz e voz indicando os pavimentos e direção do movimento da cabina.

5 - Portas

Indicar largura de todas as portas dos ambientes de uso comum (mínimo de 0,80m e para sanitários de locais esportivos, 1,0 m); as portas de acesso das unidades devem ter no mínimo 0,80m.

Indicar, mesmo que por nota em uma das pranchas do projeto, que as maçanetas das portas dos ambientes de uso comum serão no formato de alavanca.

Indicar, mesmo que por nota em uma das pranchas do projeto, a existência ou não de molas nas portas; se positivo, informar qual a força delas (O mecanismo de acionamento das portas deve requerer força humana direta igual ou inferior a 36 N.)

6 - Piscina

Indicar forma de acesso ao solário, assim como cotas de nível de piso de todo o percurso desde a saída da edificação até a borda da piscina.

Indicar acesso aos sanitários/vestiários que atendem a piscina para usuários de cadeira de rodas, assim como às de mais áreas de lazer adjacentes.

Indicar acesso à piscina para usuários de cadeira de rodas, nos termos da NBR-9050.

7 - Estacionamento

Indicar e atender o número de vagas adaptadas para veículos que conduzem pessoas com deficiência nos termos da tabela da NBR-9050.

Indicar a(s) vaga(s) de veículo(s) que conduz (em) pessoas com deficiência o mais próximo possível do acesso principal da edificação.

Apresentar área de embarque/ desembarque com largura e especificações conforme NBR-9050, assim como a indicação do símbolo internacional de acesso na referida vaga.

8 - Sanitários e Vestiários

Apresentar sanitário acessível nos parâmetros da NBR-9050 (quando houver mais de um pavimento na edificação, deverá haver, pelo menos, um sanitário acessível em cada pavimento).

Apresentar detalhes dos sanitários acessíveis em escala 1:20 ou 1:25 com dimensão interna, locação de vaso, lavatório e barras, afastamento do vaso das paredes e forma de abertura da porta.

Informar dimensões das barras de transferência (comprimento, diâmetro da seção circular, distância da parede até a barra e distância da barra até o vaso).

Indicar circunferência com diâmetro de 1,50m interno ao box acessível livre de qualquer obstáculo e área de transferência ao lado do vaso mínima de 0,80m x 1,20m.

A abertura da porta do box deve ser para fora, de correr ou sanfonada, com maçaneta de alavanca e barra interna para fechá-la.

Apresentar vestiários acessíveis nos termos da NBR-9050.

9 - Locais de Reunião (ou aglomeração de pessoas)

Indicar e atender a localização e quantidade de vagas reservadas para pessoas com deficiência nos termos da tabela da NBR-9050.

Indicar o acesso ao palco, altar, tablado elevado, assim como à secretaria interna, sacristia, camarim a usuários de cadeira de rodas, nos termos da NBR-9050. (Nesse caso os desníveis podem ser vencidos por rampas com inclinação de até 16%.)

Indicar se o mobiliário utilizado para assento é fixo ou móvel e a área reservada para

usuários de cadeira de rodas.

Indicar os locais de hospedagem adaptados para pessoas com dificuldades de locomoção, nos parâmetros da NBR-9050 (10% com no mínimo uma unidade).

Para hotéis e similares após junho de 2018, todos os projetos deverão atender aos princípios do desenho universal.

10- Calçadas

Indicar a largura da calçada e do passeio (faixa de circulação de pedestres).

Indicar a inclinação transversal da calçada (máximo 3%)

Indicar a condição física do material utilizado no revestimento do passeio, garantido que o mesmo seja regular, firme, estável e antiderrapante.

Solicitamos que nos terrenos localizados em esquinas implantem rampas de acesso à calçada, em ambas as ruas que definem o lote, nos padrões estabelecidos pela NBR-9050.

11- Vegetação e Mobiliário

Informar, mesmo que por meio de nota em uma das pranchas do projeto, que a vegetação implantada próxima às áreas de circulação não poderão obstruir a mobilidade no passeio, nem deverão ser de espécies venenosas ou dotadas de espinhos.

Informar a existência de mobiliário urbano instalado na calçada pertencente ao empreendimento analisado, com dimensões do próprio, assim como as larguras livres para circulação (ex. árvores, telefones públicos, lixeiras, guia rebaixada para entrada e saída de veículos, abrigo de ônibus, etc)

Indicar a existência de bebedouro acessível para usuários de cadeira de rodas, nos termos da NBR-9050.

Indicar a existência de área rebaixada do balcão de atendimento para usuários de cadeira de rodas, nos termos da NBR-9050.

Indicar a existência de textura de piso alertando a localização do mobiliário urbano, assim como o seu acesso por usuários de cadeira de rodas.

12- Sinalização

Indicar o uso do Símbolo Internacional de Acesso aos locais acessíveis (ex. Sanitários, vagas reservadas de estacionamento, balcões de atendimento, locais reservados em auditórios, etc.)

Indicar a existência de informações visuais, táteis e/ ou sonoras de acesso e utilização dos ambientes de uso comum, nos termos das Normas da ABNT.

13- Juntas e Grelhas

- Grades, ralos e tampas de inspeção devem ser niveladas com o piso, com frestas, ressalto ou rebaixos máximos de 0,5cm.

-Os vãos das grelhas devem ter distanciamento máximo de 1,5cm e o sentido das aberturas é transversal ao deslocamento.

14 - Documentação

Identificar o uso de cada ambiente, em todos os pavimentos constantes no projeto. No quadro de áreas existente no selo do projeto deve constar o uso definido em cada um dos pavimentos, junto com a área construída.

Obs.: Estas exigências são consideradas preliminares, podendo surgir outras quando da apresentação do projeto alterado e/ou memoriais solicitados.

REFERÊNCIAS

- NBR 9050/15 - ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
- NBR 16537/16 - ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
- Decreto Federal 5.296/04
- Lei Federal 10.048/00
- Lei Federal 10.098/00
- Lei Federal 13.146/15 - Lei Brasileira de Inclusão
- Lei Municipal 12617/17 - Criação da Diretoria de Acessibilidade
- Lei Complementar 524/11 - Código de Obras
- Lei Municipal 10.686/10 - Lei do Sistema Viário
- Lei Municipal 10.741/11 - Código de Posturas

CONTATO

Telefone: (34) 3239-2811

E-mail: nacpmu@gmail.com

DOWNLOAD

www.uberlandia.mg.gov.br



SECRETARIA MUNICIPAL DE
PLANEJAMENTO URBANO

PREFEITURA DE
UBERLÂNDIA

